

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós-Graduação em Letras

Dissertação de Mestrado

# **O TÓPICO TEXTUAL: UM ESTUDO EM EDITORIAIS**

Driely Rodrigues Parada Borges



Driely Rodrigues Parada Borges

## O TÓPICO TEXTUAL: UM ESTUDO EM EDITORIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste.

Passo Fundo  
2023

CIP – Catalogação na Publicação

---

B732t Borges, Driely Rodrigues Parada

O tópico textual [recurso eletrônico] : um estudo em editoriais / Driely Rodrigues Parada Borges – 2023.  
2.2 MB ; PDF.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2023.

1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Texto - Escrita.  
4. Editoriais. I. Oudeste, Claudia Stumpf Toldo, orientadora.  
II. Título.

CDU: 801

---

Catalogação: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira – CRB 10/2427



**PPGL**  
Programa de Pós-Graduação  
em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

**“O Tópico Textual: Um Estudo em Editoriais”**

Elaborada por

**Driely Rodrigues Parada Borges.**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Projeto de Cooperação entre Instituições  
- Minter FUPF/FCR, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de  
Mestre em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva”

Aprovada em: 13 de novembro de 2023.  
Pela Comissão Examinadora

Prof.ª Dr.ª Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Wilian Dal'Ponte  
Faculdade da Associação Brasileira de Educação

Prof.ª Dr.ª Patrícia da Silva Valério  
Universidade de Passo Fundo

Prof.ª Dr.ª Claudia Stumpf Toldo Oudeste  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, por me ajudar a concluir esta etapa da minha vida. Pois em meio às dificuldades, Ele sempre esteve ao meu lado.

Ao meu esposo, Timóteo, pela disposição de sempre me ajudar e apoiar com palavras positivas. Ao meu filho, Heitor, que é minha inspiração e força para sempre buscar algo melhor. Pela paciência que os dois tiveram comigo nos dias de angústia e oscilações de humor causadas pelo desafio de estar em sala de aula lecionando e, ao mesmo tempo, ser mestranda.

À minha mãe, Eulália, e ao meu falecido pai, Jesus, que me ensinaram que estudar é essencial. Sem eles, não teria chegado até aqui! Desde pequena, sempre quis deixar meus pais orgulhosos de mim, e hoje finalizo este ciclo, mais uma vez, mostrando à minha mãe que valeu a pena, e, em memória do meu pai, honrando tudo que um dia me ensinou.

Aos demais familiares e amigos, que, com palavras de incentivo, sempre me animaram.

Aos colegas do mestrado por esta caminhada que trilhamos juntos, especialmente aos amigos Elisandro, sempre tirando minhas dúvidas, e Raquel, sempre me fazendo sorrir e com os quais dividi várias inquietações.

À minha orientadora, professora, doutora Cláudia Toldo, pelo auxílio, pela paciência, pelas conversas via Meet, nas quais sempre transmitia serenidade, trazendo paz ao meu coração. És exemplo de profissional!

Aos professores da UPF e aos professores da Faculdade Católica de Rondônia, por todo o conhecimento que nos foi transmitido.

Aos funcionários da Escola Felipe Camarão, que sempre estiveram dispostos a colaborar com minhas demandas referentes ao mestrado.

Ao Governador do Estado de Rondônia, Marcos Rocha, juntamente com o professor Suamy pela oportunidade e por tornar esse sonho possível.

## RESUMO

Esta pesquisa, intitulada *O tópico textual: um estudo em editoriais*, tem sua temática delimitada à compreensão do tópico na construção da argumentação e sentido do texto. O objetivo deste estudo consiste em compreender o comportamento do tópico discursivo na organização argumentativa do texto do gênero editorial. O *corpus* de análise é composto de três editoriais retirados dos jornais *Folha de S.Paulo* e *Zero Hora*. Os editoriais são especificamente do segundo semestre do ano de 2022, durante o período eleitoral, ou seja, são editoriais que tem como assunto principal as eleições de 2022. Para tanto, são abordados, na fundamentação teórica, Van Dijk (1980), Pontes (1985), Marcuschi (2008), que falam a respeito do tópico e comentário. Recorre-se também a estudos de Koch (2003, 2015), Marcuschi (2008, 2012) e Mussalim e Bentes (2017) para falar sobre texto e textualidade, de acordo com os princípios da Linguística Textual. A pesquisa, quanto aos objetivos, é descritiva e exploratória com abordagem qualitativa; no que concerne aos procedimentos, é bibliográfica, documental e analítica, uma vez que apresentará análises de editoriais em que se observará a construção do sentido do texto a partir do tópico e do comentário organizadores da informação do texto. A justificativa da relevância deste estudo concerne à contribuição para uma melhor compreensão a respeito do tópico e comentário, além de mostrar que os tópicos bem elaborados podem ajudar na organização textual. A partir da análise dos editoriais, evidenciou-se que o sentido do texto é construído a partir da arquitetura de diferentes elementos: características do gênero textual, fatores de textualidade, os arranjos sintático-semânticos entre tópico e comentário, os fatores pragmáticos, a seleção lexical e os argumentos de autoridade.

**Palavras-chave:** Tópico. Comentário. Editorial. Textualidade. Argumentação.

## ABSTRACT

This research, entitled *O tópico textual: um estudo em editoriais*, has its theme delimited to the understanding of the topic in the construction of the argumentation and meaning of the text. The objective of this study is to understand the behavior of the discursive topic in the argumentative organization of the text of the editorial genre. The corpus of analysis is made up of three editorials taken from the newspapers Folha de S.Paulo and Zero Hora. The editorials are specifically from the second half of 2022, during the electoral period, that is, they are editorials that have the 2022 elections as their main subject. To this end, in the theoretical foundation, are addressed Van Dijk (1980), Pontes (1985), Marcuschi (2008), who talk about the topic and comment. Studies by Koch (2003, 2015), Marcuschi (2008, 2012) and Mussalim and Bentes (2017) are also used to approach text and textuality, according to the principles of Textual Linguistics. The research, in terms of objectives, is descriptive and exploratory with a qualitative approach; regarding procedures, it is bibliographical, documental and analytical, since it will present analyzes of editorials in which the construction of the meaning of the text will be observed from the topic and the commentary that organize the information in the text. The relevance of this study is justified by the contribution to a better understanding of the topic and comment, in addition to showing that well-designed topics can help with textual organization. From the analysis of the editorials, it became evident that the meaning of the text is built from the architecture of different elements: characteristics of the textual genre, textuality factors, the syntactic-semantic arrangements between topic and comment, the pragmatic factors, the selection lexical and authority arguments.

**Keywords:** Topic. Comment. Editorial. Textuality. Argumentation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Há lobos por ai”.....	20
Figura 2 – Placas de trânsito.....	23
Figura 3 – “Alfísica mecânica”.....	24
Figura 4 – Quadro tópico.....	50
Figura 5 – Editorial 1.....	58
Figura 6 – Editorial 2.....	65
Figura 7 – Editorial 3.....	72

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Poema.....	20
Quadro 2 – Letra de música.....	31
Quadro 3 – Redação.....	48
Quadro 4 – Tópicos/comentários.....	59
Quadro 5 – Tópicos/comentários.....	66
Quadro 6 – Tópicos/comentários.....	73

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 LINGUÍSTICA TEXTUAL – REVENDO A HISTÓRIA</b> .....	<b>12</b>
2.1 A LINGUÍSTICA TEXTUAL: ORIGEM E EVOLUÇÃO.....	12
2.1.1 Fase 1 – <i>Análise transfrástica: um momento inicial</i> .....	13
2.1.2 Fase 2 – <i>Gramáticas textuais: um momento seguinte</i> .....	14
2.1.3 Fase 3 – <i>Teoria do texto: o momento</i> .....	16
2.2 TEXTO E TEXTUALIDADE: A ARQUITETURA DO TEXTO .....	17
2.2.1 <i>Texto – revendo conceitos</i> .....	18
2.2.2 <i>A textualidade: o “tecido” que garante a existência do texto</i> .....	25
2.2.2.1 Critérios de acesso à construção de sentido do texto .....	25
2.3 O TEXTO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS .....	30
2.3.1 <i>A argumentação na organização interna do texto: uma reflexão sobre as operações linguísticas</i> .....	33
<b>3 TÓPICO E COMENTÁRIO: UMA ESTRUTURA NECESSÁRIA</b> .....	<b>36</b>
3.1 O TÓPICO DISCURSIVO SEGUNDO VAN DIJK .....	36
3.2 O COMENTÁRIO DISCURSIVO SEGUNDO VAN DIJK.....	43
3.3 TÓPICO E COMENTÁRIO: UM ESTUDO NA ORGANIZAÇÃO DO SENTIDO DO TEXTO .....	44
3.3.1 <i>O processo de organização tópica</i> .....	45
3.3.1.1 Propriedade da centração .....	46
3.3.1.2 Propriedade da organicidade.....	47
<b>4 ANÁLISE DA ESTRUTURA TÓPICO/COMENTÁRIO: O SENTIDO DO TEXTO EM EVIDÊNCIA</b> .....	<b>53</b>
4.1 TÓPICO E COMENTÁRIO NO EDITORIAL: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DO TEXTO .....	53
4.2 A NATUREZA DA PESQUISA.....	53
4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	54
4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO TEXTUAL: EDITORIAL .....	56
4.5 ANÁLISE DOS EDITORIAIS.....	57
4.5.1 <i>Análise 1</i> .....	57
4.5.2 <i>Análise 2</i> .....	64
4.5.3 <i>Análise 3</i> .....	72
4.6 DISCUSSÃO DAS ANÁLISES.....	78
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>83</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Estudar o funcionamento do texto é tarefa de todo professor de língua que se propõe a observá-la em exercício, ou seja, em uso. Neste trabalho, isso estará em foco na medida em que vamos nos dedicar a entender a língua em uso, observando o seu funcionamento e a sua organização em textos dissertativos – editoriais, analisando o(s) sentido(s) construído(s) a partir da análise dos tópicos e dos comentários selecionados na produção dos textos em análise.

Observa-se que, nas gramáticas tradicionais, os professores e os textos voltados para a aprendizagem pouco falam a respeito da organização da informação no texto, principalmente ao se considerar as questões teóricas da estrutura tópico-comentário, tão amplamente discutidas nos estudos de Teun Van Dijk. Em razão disso, por vezes não é de surpreender que diversos indivíduos não saibam como utilizar esse recurso. Exatamente por isso se vê um número tão grande de pessoas que têm dificuldades para escrever textos bem elaborados, pois desconhecem os recursos que poderiam ser seus aliados. O fato é que a desorganização do tópico compromete toda a coerência textual. Logo, pode-se depreender a importância do tópico e a necessidade de conhecê-lo mais. Compreende-se que essas reflexões podem auxiliar o trabalho do professor e do aluno com o texto.

Mesmo que de forma tímida, o tópico discursivo vem a algum tempo, conquistando espaço em escritos de relevantes nomes da Linguística Textual, como Marcuschi (2008). O interesse pela temática vem crescendo significativamente nos últimos anos com inúmeros trabalhos a esse respeito (Pinheiro, 2005; Cunha 2010; Silva, Cortez, 2020; Silva, Oliveira, 2020; Silva, 2021), pesquisas em que o tópico vem sendo analisado sob diversos gêneros e temas variados. Isso vem ocorrendo porque, de alguma forma, percebeu-se a importância do tópico na construção do texto, na construção de sentidos; ele auxilia em todo esse processo, e, sem a utilização desse mecanismo, perde-se a coerência textual.

Por esse motivo, pelas dificuldades que surgem ocasionadas pelo desconhecimento do tópico e de como utilizá-lo, como, por exemplo, a falta de coerência textual, é que surge a motivação para tal pesquisa. Esse interesse se deve à experiência da pesquisadora como professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino, atuante no ensino fundamental, conhecedora da língua e curiosa por compreender como se dá a coerência observando o tópico dentro do texto. Esse

mecanismo é pouco conhecido e pode ser a causa da falta de sucesso na escrita de textos. A pesquisa traz a possibilidade de agregar mais conhecimentos e facilidades para a construção textual.

A pesquisadora observou que pouco é discutido sobre tópico e comentário, ou mesmo que nada é falado a respeito do assunto, e isso causa certa dificuldade na produção de textos, pois, ao invés de se ter um aliado que ajude na construção de textos e sentidos, passa a existir uma lacuna. No estudo da produção textual na escola, estuda-se muito o texto argumentativo, expositivo, descritivo, como organizar os parágrafos, quais palavras utilizar, porém, raramente se ouve falar como o tópico pode contribuir para a construção e organização do texto. Por isso, no sentido de contribuir para a melhoria da escrita e do ensino, a pesquisa pretende extrair respostas que ratifiquem a importância do tópico. Esta pesquisa surge também da necessidade de se entender melhor o tópico textual, que é pouco conhecido.

É bem visível que os meios de comunicação exercem certa influência sobre os indivíduos que os utilizam, levando-os a formar uma opinião sobre determinado assunto. O tópico é um meio utilizado para que as pessoas guardem a ideia principal de um texto; nessa perspectiva, provavelmente, o tópico está sendo utilizado por esses meios para que os telespectadores/ouvintes guardem aquilo que seria a ideia principal. A forma como o tópico é organizado dentro do texto também pode auxiliar nesse objetivo.

O editorial é um gênero que se posiciona diante das informações atuais veiculadas nos meios de comunicação, pois é de cunho argumentativo, tenta convencer o leitor de suas convicções. Por isso, acredita-se que seja relevante explorar tal gênero, pois se crê que ele possa influenciar na formação crítica do leitor. Nesse sentido, a presente pesquisa se justifica por poder contribuir no sentido de entender melhor a respeito das estruturas de tópico-comentário, pois, como dito anteriormente, esse é um assunto pouco difundido.

Com o passar dos anos escolares, especialmente no ensino médio, ao se aproximarem provas de vestibular e ENEM, professores e estudantes ficam diante de um dilema: as dificuldades de escrever um bom texto. Esta pesquisa pode contribuir significativamente na prática de produção textual nas escolas, especialmente para alunos, pois terão um aliado que facilitará no processo de escrita do texto e poderão produzir textos mais elaborados se forem ensinados a utilizar esse mecanismo, já que uma parcela considerável de estudantes não possui conhecimento de como realizar a

manutenção da continuidade tópica, o que acaba comprometendo o texto. Os professores também serão beneficiados, pois terão à sua disposição algo que simplificará a forma de ensinar o passo a passo da construção textual, sanando, talvez, um pouco dos casos relacionados à falta de coesão.

Esta pesquisa pode demonstrar que os tópicos bem elaborados podem melhorar os textos, porque, hoje, a dificuldade está em escrever e se fazer entender. Por diversas vezes, ao escrever, os indivíduos iniciam falando a respeito de um determinado assunto, mas, no decorrer do texto, mudam o foco, alteram o assunto, interrompem o que havia sido apresentado no início ou não possuem habilidades suficientes para finalizar um tópico, iniciar outro ou mesmo esgotar aquele que está sendo discutido. Além disso, avaliar esse ponto em editoriais seria interessante porque se trata de um gênero que está disponível a qualquer pessoa, por isso a escolha de tal gênero: pela sua facilidade ao acesso, porque representa algo do cotidiano, além de ter uma finalidade comunicativa. Analisar esse gênero pode mostrar que o tópico está presente em todos os meios, sendo de extrema importância, e, quando bem elaborado, pode auxiliar na organização textual.

Portanto, nesta dissertação, o objetivo geral é compreender o comportamento do tópico discursivo na organização argumentativa do texto do gênero editorial. Como objetivos específicos, busca-se: 1) localizar, em editoriais presentes em jornais, o tópico discursivo e examinar o material coletado; 2) observar como o tópico discursivo se organiza em cadeias tópicas; e 3) analisar o sentido construído por meio das relações estabelecidas entre os tópicos organizadores do texto.

Além disso, com o objetivo de compreender melhor o tópico, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre o tema, abordando aspectos importantes a partir de reflexões presentes no referencial teórico de Van Dijk (1980), Pontes (1985) e Marcuschi (2008), que falam a respeito do tópico e comentário. Recorrer-se-á a estudos de Koch (2003, 2015), Marcuschi (2008, 2012) e Mussalim e Bentes (2017) para abordar texto e textualidade de acordo com os princípios da Linguística Textual. De acordo com Van Dijk (1980), o tópico é a informação já conhecida, aquilo que não é novidade; é toda informação que é colocada em evidência e sobre a qual é feito um comentário. Na estrutura “tópico-comentário”, deixa-se em destaque uma informação, chamada de tópico, para depois se fazer um comentário a seu respeito. O comentário é aquilo que não se sabe, é a informação nova que é apresentada.

Com base em Silva e Cortez (2020), é atribuída outra função ao tópico: a de responsável pela manutenção da coerência textual, pois ele está ligado aos aspectos globais do texto, já que os subtópicos seguem a informação apresentada pelo tópico principal; há, portanto, uma conversa, uma relação entre eles. Por isso, fala-se que o tópico auxilia na coerência textual, pois ele dá continuidade ao que foi falado anteriormente. Silva (2021) também o classifica como responsável pela organização textual, e acredita que a falta de organização dos tópicos em produções textuais pode comprometer a coerência e a finalidade para as quais elas foram produzidas. Por isso, justifica-se a importância dos estudos acerca de tópico-comentário, já que eles atuam na organização e coerência textual.

Esta pesquisa irá observar o comportamento do tópico discursivo na organização argumentativa do texto de gênero editorial. Nesta pesquisa, serão analisados editoriais, observando os tópicos e os respectivos comentários desses tópicos que organizam o sentido do texto, bem como as cadeias tópicas e do comentário. Como meio para alcançar tal objetivo, a pesquisadora fará a análise de três editoriais publicados em jornais de grande circulação nacional, observando como o tópico discursivo se organiza em cadeias tópicas e como o sentido é construído por meio das relações estabelecidas entre os tópicos organizadores do texto.

A presente dissertação se encontra dividida em três capítulos, sendo dois teóricos e um de análise. Está organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentam-se os conceitos de texto e textualidade, seguindo os princípios da Linguística Textual para fundamentar teoricamente as discussões que serão apresentadas no decorrer do trabalho; no segundo capítulo, é apresentado um dos pilares essenciais ao desenvolvimento da pesquisa: a noção do tópico e comentário usando a teoria de Van Dijk (1980); e o terceiro capítulo será destinado à análise de somente três editoriais, porque uma quantidade maior demandaria mais tempo; além disso, os pontos a serem analisados nos editoriais requerem minuciosa atenção, pois será observado como o tópico discursivo se organiza em cadeias tópicas e como o sentido é construído por meio das relações estabelecidas entre os tópicos organizadores do texto. A seguir, serão apresentados os capítulos teóricos, iniciando com a Linguística Textual.

## 2 LINGUÍSTICA TEXTUAL – REVENDO A HISTÓRIA

Neste capítulo, a trajetória da linguística textual estará em evidência. Será observada sua origem e cada uma das três fases até chegar ao que é hoje, algo mais voltado para o texto.

### 2.1 A LINGUÍSTICA TEXTUAL: ORIGEM E EVOLUÇÃO

A trajetória da linguística textual se deu num processo em longo prazo, não é algo que surgiu e chegou a ser o que é hoje de uma hora para outra e muito menos um processo homogêneo. Foi com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure que a Linguística obteve *status* de ciência; desde então, diversos campos de estudos se desenvolveram, entre esses, destaca-se a Linguística Textual, que tem como finalidade o estudo do texto, examinando-o como espaço de comunicação. Marcuschi (2012, p. 33) propõe “que se veja a LT, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais”. Dessa forma, surge a necessidade de estudar e entender a língua dentro do contexto – não somente analisar as palavras e frases, mas compreender as situações de uso observando a linguagem como interação.

Em conformidade com Koch (2012), por volta da década de 60, surge na Europa a chamada Linguística Textual, mais especificamente na Alemanha, que, conforme Marcuschi (2012, p. 12), “pode ser considerada o berço dos seus estudos”. Koch (1997) afirma que a Linguística Textual passou por diversos momentos e se estruturou com base em teorias distintas, pois era apenas uma ciência em desenvolvimento. De acordo com Bentes (2017, p. 260), “na história da constituição do campo da Linguística de Texto, podemos afirmar que não houve um desenvolvimento homogêneo”, isso porque o desenvolvimento da LT<sup>1</sup> se deu de formas variadas nos diferentes países, não houve uma regra para todos os lugares. A teoria do texto trouxe para a linguística textual alguns pontos que foram desprezados pelo estruturalismo e que serviram como mola propulsora para o desenvolvimento da LT enquanto os seguintes contratempos a serem analisados e solucionados: a frase como unidade máxima de análise; a indiferença dada ao texto; a irrelevância dada ao

---

<sup>1</sup> Linguística Textual.

texto falado; e, ainda, a depreciação do sujeito e da situação comunicativa em que esse está inserido.

A LT nasceu de diversos questionamentos, questionamentos esses que a própria gramática estruturalista não possuía base suficientemente alicerçada para explicar. Desse modo, alguns estudiosos perceberam essa falha e, baseados nisso, começaram seus estudos; esses fenômenos foram alguns dos que primeiramente apareceram dando origem à linguística textual. Em concordância com Koch (2012, p. 15), “sua hipótese de trabalho consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem”. Nesse momento, o texto passa a ser visto como o centro dos estudos da linguística.

Com a finalidade de solucionar os problemas anteriormente citados, a linguística textual sofreu uma evolução, passando por três fases que possuíam direções teóricas bastante diversificadas entre si. Segundo Koch (2012, p. 17-18),

[...] não se trata de uma distinção de ordem cronológica, e sim tipológica, por não haver, entre eles, uma sucessão temporal, constituindo-se cada um deles em um tipo diferente de desenvolvimento teórico. Apresenta, como primeiro momento, o da análise transfrástica, em que se procede à análise das regularidades que transcendem os limites do enunciado; o segundo é o da construção das gramáticas textuais; o terceiro, finalmente, é o da construção das teorias de texto.

São momentos que marcam a mudança da teoria da frase para a teoria do texto, e que modificam toda a história da LT. Essas fases são: a análise transfrástica, gramática textual e teoria do texto. A seguir, são abordadas algumas considerações acerca de cada uma dessas fases.

### **2.1.1 Fase 1 – Análise transfrástica: um momento inicial**

Na análise transfrástica, o texto ainda não era considerado objeto de análise principal, ou seja, os estudos partiam primeiramente da frase para o texto. Logo no início do surgimento da LT, essa foi uma de suas primeiras preocupações: o estudo dos mecanismos interfrásticos, o estudo entre as frases, entre as sentenças. De acordo com Koch (2004, p. 3), entre os fenômenos que seriam estudados, destacam-se: “a correferência, a pronominalização, a seleção de artigo, a ordem das palavras, a relação tema/tópico – rema/comentário, a concordância dos tempos verbais, as

relações entre enunciados não ligados por conectores explícitos [...]”, que se preocupavam com as conexões dentro do texto; essa era uma visão ainda muito limitada para a linguística textual. Tais estudos também adotavam orientações bem diversificadas: ora estruturalista, ora funcionalista, ou gerativista.

Na análise transfrástica, parte-se da frase para o texto. Exatamente por estarem preocupados com as relações que se estabelecem entre as frases e os períodos, de forma que construa uma unidade de sentido, os estudiosos perceberam a existência de fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas: o fenômeno da correferência, por exemplo, ultrapassa a fronteira da frase e só pode ser melhor compreendido no interior do texto (Bentes, 2017, p. 247).

O que mais apareceu nesse momento foram as relações referenciais, ou seja, o fenômeno da correferência. Esses fenômenos, no princípio, foram considerados o principal estudo. Certamente, compreende-se que a sequência de frases que formam um texto se dá por meio de pronomes, e eles mesmos são considerados o meio pelo qual se realizam as retomadas no texto. Nesse pensamento, Koch (2004, p. 4) afirma que “o texto é resultado, portanto, de um ‘múltiplo referenciamento’, daí a definição de texto como uma sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta”; desse modo, a correferência nada mais é do que um processo pelo qual uma frase é ligada a outra por uma expressão diversa. Nessa perspectiva, Koch (2004, p. 4) declara: “assim, nesse momento, o estudo das relações referenciais limitava-se, em geral, aos processos correferenciais (anafóricos e catafóricos), operantes entre dois ou mais elementos textuais”. A respeito dessa fase, Koch (2012, p. 18-19) reitera que

Embora se deva reconhecer que, nesse primeiro momento, deu-se um passo à frente, ao se superarem os limites da frase, e que se preparou, de certa forma, o terreno para uma gramática textual, não se pode dizer, porém, que se tenha chegado a um tratamento autônomo do texto, nem que se tenha construído um modelo teórico capaz de garantir um tratamento homogêneo dos fenômenos pesquisados.

Porém, a compreensão inflexível que se tinha a respeito dos elementos internos do texto deixava algo a desejar na análise textual; logo em seguida, surge a segunda fase, a das gramáticas textuais, próximo assunto a ser tratado.

### **2.1.2 Fase 2 – Gramáticas textuais: um momento seguinte**

Mesmo as ideias tendo evoluído um pouco nesse período, o texto ainda era visto por um olhar estruturalista, que não o observava como deveria. Koch (2012, p. 19) assevera: “a gramática textual surgiu com a finalidade de refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado”. As gramáticas textuais buscavam analisar e explicar ocorrências que as gramáticas da frase não davam conta. Os estudiosos buscavam explicar os processos pelos quais se desenvolvia o texto. Eles tentaram elaborar uma gramática universal que fosse comum a todos os usuários da língua e desse conta da formulação do texto, mas como essa tentativa era muito ambiciosa, também não foi exitosa. Dessa forma, os gerativistas pensaram na possibilidade de criar gramáticas textuais com o intuito de fazer algo parecido com a gramática da frase que pudesse explicar esses fenômenos textuais. Nessa perspectiva, Koch (2012, p. 19) afirma que

Sendo o texto muito mais que uma simples sequência de enunciados, a sua compreensão e sua produção derivam de uma competência específica do falante [...]. Todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados, e esta competência é, também, especificamente linguística - em sentido amplo. Qualquer falante é capaz de parafrasear um texto, de resumir-lo, de perceber se está completo ou incompleto, de atribuir-lhe um título ou, ainda, de produzir um texto a partir de um título dado. São habilidades do usuário da língua que justificam a construção de uma gramática textual.

Nesse sentido, todo falante teria uma competência textual inata para distinguir um texto de um não texto (que seria um amontoado de palavras que não transmitem uma mensagem), parafrasear, resumir, produzir textos e perceber o que falta. A motivação para a criação de tal gramática textual seria exatamente essas competências inerentes ao falante. Os objetivos atribuídos a essas gramáticas, de acordo com Koch (2012), seriam: verificar o que faz de um texto um texto, levantar critérios para delimitação de textos e diferenciar espécies de texto.

Agora, com essas gramáticas, o sentido de frase e texto se alteram e o texto passa a ser considerado com um valor superior à frase; como consequência, as análises passam a ir do texto para a frase.

Dizendo de outra forma, as primeiras gramáticas textuais representaram um projeto de reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato. Neste período, postulava-se o “texto” como uma unidade teórica formalmente construída, em oposição ao “discurso”, unidade funcional, comunicativa e intersubjetivamente construída (Bentes, 2017, p. 249).

Nesse segundo momento, foi dada importância à construção do texto, aos mecanismos utilizados para a construção do texto, sendo esses mecanismos o foco desse segundo momento. Passa-se, dessa forma, à terceira fase.

### **2.1.3 Fase 3 – Teoria do texto: o momento**

Já no terceiro período, que também marca a evolução da linguística textual, tem-se a Teoria do Texto, através da qual o texto é visto com um olhar diferente em relação à fase anterior. Aqui, considera-se o texto e o contexto como um processo e não somente como um produto final. Nessa fase, o texto já não é estudado como algo idealizado, mas sim como algo real, ou seja: o texto em uso. Por influência da pragmática, que observa a linguagem em uso e de que forma o contexto auxilia o significado, tem-se um texto que passa a ser estudado dentro do seu contexto de produção, passa a ser considerado não como um produto acabado, mas como um produto que está em constante desenvolvimento. Quando compreenderam o texto como o meio principal da comunicação do homem, os estudiosos da língua conseguiram reconhecer a precisão de ultrapassar a base principal: a sintática e semântica. Para tal finalidade, a LT passa a sugerir abordagens fundamentadas em padrões ora contextuais, ora comunicativos, trazendo a junção entre texto, comunicação e situação em que essa interação se deu, pois agora o texto não é visto como algo acabado, e sim como componente de uma prática complexa realizada pelo ser humano.

Nesse terceiro momento, adquire particular importância o tratamento dos textos no seu contexto pragmático, isto é, o âmbito da investigação se estende do texto ao contexto, este último entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos (Bentes, 2017, p. 251).

Gradativamente a LT foi ficando cada vez mais distante do estruturalismo e adotando, em seus estudos, de acordo com Mussalim e Bentes (2017, p.16-17), um cuidado maior com os "processos de produção, recepção e interpretação dos textos, reintegrando o sujeito e a situação de comunicação em seu escopo teórico". Desse modo, de algo puramente gramatical, a linguística textual se torna uma disciplina preocupada com o texto, contexto e análise. Koch (1997) afirma que não houve uma

ordem cronológica clara de uma etapa para outra, ou seja, pode ser que uma etapa não tenha começado somente quando a anterior terminou. O que se acredita é que esses momentos podem ter acontecido simultaneamente, já que se tratavam de teóricos diferentes, objetivos diferentes sobre o mesmo objeto de estudo. Desse modo, o que ocorreu foi mais uma ordem tipológica, pois o que marcou a mudança de um período para outro foi o aperfeiçoamento da Teoria do Texto, fazendo com que essa cada vez mais se distanciasse do Estruturalismo. Cada fase busca melhorar o que a fase anterior deixou a desejar. Alinhada à afirmação da autora anterior, Bentes (2017, p. 260-261) declara que

Não há consenso entre os autores de que houve uma certa cronologia na passagem de um momento para outro. Podemos afirmar, no entanto, que houve não só uma gradual ampliação do objeto de análise da Linguística Textual, mas também um progressivo afastamento da influência teórico-metodológica da Linguística Estrutural saussuriana [...].

Essa última etapa da linguística textual ocorre por consequência da nova visão de língua (como uso real em determinados contextos comunicativos) e de texto (algo em constante processo, construção). Se antes a tendência estruturalista objetivava os aspectos formais do texto, atualmente, a linguística textual está alicerçada no processo comunicativo entre falante e ouvinte ou escritor e leitor, e o texto em um determinado contexto. É seguindo esse pensamento que Marcuschi (2012, p. 26) afirma “[...] a LT é a descrição da correlação entre a produção, a constituição e a recepção de textos”. A interação entre eles é o que define a textualidade de um texto, o próximo tema a ser tratado neste trabalho.

## 2.2 TEXTO E TEXTUALIDADE: A ARQUITETURA DO TEXTO

Pode-se observar três concepções de texto para a linguística textual de acordo com a sua evolução. Na primeira fase, tem-se uma concepção de texto ainda fortemente associada a uma sequência de frases, ou seja, bem estruturalista. Na segunda fase, o texto é considerado como algo que pode ser descrito de forma universal. Já na terceira fase, o texto é compreendido como um lugar de interação, onde os interlocutores vão construir significados. No fim da década de setenta, a textualidade é observada com mais atenção, pois é composta de critérios que, juntos, atuam na boa construção do texto. Nesse momento a atenção da Linguística Textual

está voltada para este assunto: para o texto que necessita que todo o contexto seja levado em consideração para a boa produção e interpretação, além da interação, pois o sentido não se encontra no texto, mas se constrói na interação entre os interlocutores.

### **2.2.1 Texto – revendo conceitos**

Pode-se observar que grandes mudanças sobrevieram com o passar do tempo na área da educação, especificamente na parte da linguagem. Há um tempo os professores se encontravam alicerçados na gramática normativa, preocupados mais com um ensino pautado em regras gramaticais. Hoje, tanto os profissionais da educação, quanto as orientações que esses recebem, priorizam o ensino do texto, não o reduzindo apenas às questões normativas, mas à construção do sentido como unidade semântica. Entretanto, não se pode concluir que a gramática não deva ser ensinada, mas sim que seja explorada dentro da linguagem na prática. Atualmente, por ocasião da Linguística Textual, o texto passou a ser observado e analisado com um olhar diferente.

Koch (2003a) assevera que a maior mudança que a linguística textual trouxe foi colocar o texto como objeto central do ensino. Nesse sentido, “[...] a Linguística Textual é o ramo da Linguística que toma o texto como objeto de estudo” (Koch, 2015, p. 11). De uma época meramente gramatical, a LT evoluiu e hoje está envolvida com a produção, recepção e interpretação de textos. Marcuschi (2012, p. 26) ratifica que “a LT é a descrição da correlação entre a produção, a constituição e a recepção de textos”, ou seja, a LT deve preservar o linguístico e também o pragmático; em outras palavras, a Linguística Textual deve observar a teoria, as regras, sem deixar de se pautar pelo contexto da comunicação em uso. Koch (2003a) afirma que a principal contribuição da linguística textual é possibilitar ao professor um instrumental teórico e prático capaz de tornar os alunos competentes textualmente e capacitados para interagirem socialmente por meio dos vários gêneros em diversas situações.

Entende-se que texto é um conjunto de frases criado para ser lido, mas será que texto é somente isso? Cabe aqui definir o que vem a ser um texto na perspectiva da LT. De acordo com Marcuschi (2012, p. 33), “a LT trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas”. Isso porque, para ter seu sentido completo, o texto necessita da participação dos interlocutores e não

somente das regras gramaticais, “pois o texto não é apenas um sistema formal e sim uma realização linguística a que chamamos de evento comunicativo e que preenche condições não meramente formais” (Marcuschi, 2008, p. 94), porque o texto ocorre também por meio da interação entre indivíduos de cultura diversa, que se comunicam; nesse sentido, Marcuschi (2012) também o classifica como uma ocorrência comunicativa. O que se percebe hoje nas salas de aula, talvez por ter sido ensinado por muito tempo, o que levou ao enraizamento dessa ideia, é a velha noção do texto em parágrafos, em que há um autor que tenta transmitir uma concepção, maneira pela qual o texto acaba não sendo visto como um evento comunicativo.

Como já dito anteriormente, a linguística textual apresenta três ideias do que seja texto com base na sua evolução. Por outro lado, na análise transfrástica, tem-se uma noção bem tradicional de texto grandemente ligada a uma sequência de frases; nas gramáticas textuais, ele é considerado como algo descrito de forma universal; já na teoria do texto, ele é compreendido como um lugar de interação. Conforme Marcuschi (2008, p. 71-72), “o texto é o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona”. Dessa forma, pode-se inferir que nenhum texto tem sentido em si mesmo, ou seja, seu sentido não está no que se encontra escrito, mas na interação entre seus interlocutores. Todo texto pode ter sentido numa dada situação para determinados interlocutores, então, aquilo que faz sentido para um pode não fazer sentido para outro, de modo que cada leitor/ouvinte é que vai fazer a sua interação diante do texto.

Nesse sentido, no momento da produção de um texto, não são necessárias somente palavras, o texto escrito, pois há outras formas de comunicação que constroem o texto utilizando não só a linguagem verbal, mas também a não verbal – na primeira se tem a comunicação através de palavras escritas ou faladas, na segunda, a comunicação se dá através de imagens, sons, gestos, entre outros. Um exemplo, a tirinha, que é um gênero que utiliza esses dois tipos de linguagem, tornando-se de fácil leitura e interpretação, especialmente para aqueles que têm aversão à leitura. É um gênero em que tanto os elementos verbais quanto os não verbais construirão o sentido do texto; em muitas situações, nem são necessárias as palavras para se ter um texto. Pensando no que vem a ser um texto, observe-se o seguinte exemplo:

**Quadro 1 – Poema**

**Beijo**  
Subi a porta  
e fechei a escada  
tirei minhas orações  
e recitei meus sapatos  
desliguei a cama  
e deitei-me na luz  
tudo porque  
ela me deu um beijo  
de boa noite.  
(anônimo)

**Fonte: João Junior, 2008.**

Esse exemplo pode ser considerado um texto? Aparentemente, tem-se algo totalmente sem sentido. Alguém pode lê-lo e realmente não entender nada, não ser capaz de retirar nenhuma informação, pois parece bem desconexo. Entretanto, se a leitura for retomada e observado o final do texto, será perceptível que ele direciona o leitor a voltar ao seu início e encontrar seu sentido. O que esse autor conseguiu produzir é algo bem familiar para os apaixonados. Se o leitor retomar o final do texto, verá a seguinte frase: “tudo porque ela me deu um beijo de boa noite...”. Então, esse beijo fez com que o personagem do texto perdesse todos os sentidos das ações que praticava, por isso, escreveu que subiu a porta e fechou a escada, quando, na verdade, deveria escrever “subir a escada e fechar a porta”. Há uma troca dos sentidos, e essa troca ocorre porque, no final do texto, há a explicação de que ele recebeu um beijo da amada que fez com que ficasse feliz ao perceber que era correspondido e perdesse todos os sentidos, deixando-o atrapalhado em suas ações, fazendo tudo ao contrário. Nesse exemplo, portanto, tem-se um texto para aquele leitor que conseguiu captar toda a motivação para tal construção. Um texto pode ou não fazer sentido para o interlocutor, dependendo muito de todos os conhecimentos que necessitam ser acionados para a construção dos sentidos. Em seguida, tem-se um exemplo de texto no qual vários conhecimentos necessitam ser acionados para que ocorra a compreensão.

**Figura 1 – “Há lobos por aí”**

# Há lobos por ai



A melhor opções para vocês é a casa de palha. Vai por mim, eu entendo dessas coisas.

## Exija corretor credenciado!

www.jornaldoimovelebrasil.com

Fonte: Página do Jaylson Imóveis no Facebook, 2013.

Nesse exemplo há um público específico para o qual o texto é direcionado: o possível comprador de um imóvel, além de fazer referência a um outro texto bastante conhecido dos contos infantis: *Os três porquinhos*. É nessa junção de vários conhecimentos que o leitor necessita acionar os seus próprios para compreender o texto. Tem-se, nesse exemplo, a intertextualidade, a junção de dois textos: o texto apresentado acima, que é uma propaganda, e a história do lobo mau e dos três porquinhos. Observa-se que o autor, com grande criatividade, foi capaz de estabelecer esse acordo com o leitor para que ele acionasse, no momento da leitura, esses conhecimentos anteriores, para que ocorra a devida compreensão e interpretação dos sentidos construídos no texto, tendo presente a arquitetura da textualidade do texto. Seu objetivo é levar o possível leitor interessado em adquirir um

imóvel a escolher um corretor credenciado, que, de acordo com o texto, seria mais confiável.

A intertextualidade, já citada anteriormente, é um dos temas de bastante interesse da LT, pois se trata de um fator de grande frequência na escrita de textos. Apesar de às vezes não se ter a intenção de utilizá-la, isso pode acabar acontecendo mesmo sem que se perceba, pois alguns modelos acabam se tornando uma espécie de parâmetro para os demais. A esse respeito, Koch e Elias (2016, p. 39) afirmam que, “em nossas práticas comunicativas, recorremos a textos que se cruzam e se entrecruzam em novas e variadas combinações. Intertextualidade é o nome que se dá a essa relação entre textos”. A intertextualidade pode ser definida como a produção de um texto por meio de outro que já existe, ou seja, quando faz referência a outro que já existia e no qual se inspira para criar um novo. Trata-se da relação, a “conversa” que ocorre entre dois textos distintos, porque o escritor trouxe dados de outros textos para o seu, criando, dessa forma, uma relação entre eles, o que permite uma ampliação do sentido, pois estabelece novas possibilidades e sentidos. É exatamente isso que se observa no exemplo anterior, que utiliza dois textos bem diferentes, mas que, juntos, criam novo sentido no anúncio.

Dessarte, é necessário que o leitor/interlocutor conheça os sentidos das palavras da língua portuguesa para compreender, no caso da propaganda, a intertextualidade dentro do texto. É preciso também que se tenha o conhecimento de mundo, que conheça a história do lobo mau e dos três porquinhos e, ainda, que todas as ações sejam acionadas para que ocorra a interação, além de que se compreenda a intertextualidade dentro do texto. Nessa situação, foi necessário ler o texto publicitário, que também utiliza a linguagem não verbal.

Dessa forma, de acordo com Beaugrande (1997, p. 10, apud Marcuschi 2008, p. 72), “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. Tal afirmação significa que o texto não é simplesmente um amontoado de palavras e, sim, um evento; quando se fala em evento, vem à mente um encontro de pessoas que interagem em um determinado lugar, e assim é o texto, tem-se um local que é o próprio texto, aquele que enuncia vai encontrar-se com aquele que vai construir o seu sentido, que, no caso, é o leitor ou ouvinte. Ou seja, o texto é local de interação, onde vários tipos de conhecimentos serão somados para a construção dos sentidos do texto.

Marcuschi (2008) também afirma que um texto não necessita ser extenso para ser considerado um texto, não existe uma regra que defina o tamanho de um texto. “Podemos ter um texto de uma só palavra, por exemplo, uma placa de trânsito na cancela do pedágio [...] A extensão física não interfere na noção de texto em si” (MARCUSCHI, 2008, p. 88-89). Sendo assim, um texto não precisa ser necessariamente um encadeamento enorme de palavras, o que ele necessita é possuir sentido completo para transmitir de forma clara a mensagem desejada. Abaixo, tem-se diversas placas de trânsito:

**Figura 2 – Placas de trânsito**



**Fonte: Ricardo Ericeira, 2019.**

Será que essas placas de trânsito podem ser consideradas textos? Muitas pessoas poderiam afirmar que não, pois não possuem uma estrutura tradicional de texto, ou seja, o formato que as pessoas estão acostumadas a ver: através de palavras e organizadas em parágrafos. Entretanto, cada uma funciona como um texto, pois comunicam mensagens ao motorista; algumas, inclusive, nem utilizam palavras, somente símbolos. O motorista reconhece o símbolo e o associa a uma regra de trânsito, realizando, dessa forma, a interpretação da mensagem, a leitura do texto. Isso também é possível porque há uma relação entre um texto e um contexto.

Marcuschi (2008, p. 90) também ressalta que “Não importa o quanto de problemas ortográficos ou sintáticos tenha um texto, ele produzirá os efeitos desejados se estiver em uma cultura e circular entre sujeitos que dominam a língua em que ele foi escrito”. Na imagem abaixo, é possível observar algo como se fosse uma placa indicando que ali funciona uma oficina mecânica.

**Figura 3 – “Alfisina Mecanica”**



**Fonte: Lucio Lucena, 2009.**

É possível que alguns estudiosos da língua considerem tal mensagem um não texto em razão da presença dos erros ortográficos. Muitos não consideram textos os que apresentam tais erros, mesmo que quem ouça ou leia compreenda a mensagem. Isso pode ser um equívoco, taxar como erro tudo aquilo que foge às normas tradicionais, porque, na língua, têm-se diversas variações sociais, geográficas, entre outras, e essa é apenas uma delas. Por isso, alguém que passe por ali e esteja precisando urgentemente de um mecânico para consertar seu carro, compreenderá que ali é uma oficina mecânica e que seu problema tem grande probabilidade de ser solucionado.

Esse é um exemplo de texto que cumpre seu papel de veicular uma mensagem, apesar dos erros de ortografia que possa ter. Koch (2003b, p. 26) enfatiza que “[...]”

textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social [...]”. Em concordância com a autora, Marcuschi (2008, p. 93) reforça que “Isto comprova que um texto se dá numa complexa relação interativa entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos que operam nesses contextos”. Isso se justifica porque a textualidade não depende exclusivamente das regras gramaticais, mas também do contexto e dos indivíduos envolvidos nele. A seguir, será abordada a textualidade, o que faz um texto ser um texto.

### **2.2.2 A textualidade: o “tecido” que garante a existência do texto**

Para que o texto seja compreensível e eficaz ao ponto de chegar ao seu objetivo final, é necessário que siga alguns critérios que envolvem a textualidade. Nessa perspectiva, Marcuschi (2008, p. 97) reitera que “a textualidade é o evento final resultante das operações produzidas nesse processamento de elementos em multinível e multissistemas”, ou seja, a textualidade é resultado da união de todos os critérios que são colocados em prática para a clareza e uma progressão coerente. Contudo, não se deve interpretar os fatores de textualidade como se fossem apenas regras, passos a serem seguidos para que o texto seja considerado correto, pois “[...] o texto se dá como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas” (Marcuschi, 2008, p. 79). A textualidade é uma operação que auxilia a formação do texto.

E quais seriam esses critérios? Eles se dividem em critérios semânticos: coesão e coerência, que se preocupam com o texto em si, ou seja, com a estrutura, e possuem a finalidade de ajudar a amarrar as ideias apresentadas; e critérios pragmáticos: aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade, fatores externos à língua que, apesar disso, influenciam sua produção. Na visão de Marcuschi (2008, p. 97), “Eles são muito mais critérios de acesso à construção de sentido do que princípios de boa formação textual”. Agora, cada um será visto de forma detalhada.

#### *2.2.2.1 Critérios de acesso à construção de sentido do texto*

Nesta seção, discorre-se sobre a importância de alguns critérios para a construção do sentido do texto e para a construção da textualidade.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 99), a coesão textual pode ser definida como “os fatores que regem a conexão referencial (realizada por aspectos mais especificamente semânticos) e a conexão sequencial (realizada mais por elementos conectivos), em especial no nível da co-textualidade [...]”. A coesão é a ligação entre as unidades que formam um texto, diz respeito às conexões gramaticais entre as palavras, frases e parágrafos, ou seja, a como as ideias são amarradas no texto. A coesão é formada por pronomes, conjunções, elipses etc. Koch (2004, p. 35) afirma que coesão é “[...] a forma como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também lingüísticos, de modo a formar um ‘tecido’ (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase [...]”.

Observe o exemplo:

Mariana acorda. Mariana escova. Mariana estuda.

Tal frase aparentemente se encaixa nos padrões da língua, entretanto, ela apresenta a repetição do nome Mariana e não há elementos que conectem as frases. Uma possibilidade de correção seria:

Mariana acorda e, em seguida, escova os dentes para que, então, ela possa ir estudar.

A frase utiliza o conectivo “em seguida” para dar ideia de continuidade, e o uso do pronome “ela” evita a repetição do nome “Mariana”. Percebe-se que a ausência desses elementos de coesão transmite a ideia de que a frase não é de fácil compreensão, pois eles deixam claro qual tipo de relação se estabelece entre as ideias, indicando qual é o objetivo, para onde caminha, se é apresentado um motivo ou se está incluindo mais argumentos ao que já foi apresentado.

A coesão textual está relacionada à estrutura física do texto, pois está ligada à ideia de relação entre palavras, frases e parágrafos. A palavra coesão tem sua origem no verbo coser, que significa costurar, e ela faz justamente esse trabalho de juntar,

unir, costurar as partes de um texto. De acordo com Koch (2004, p. 36), existem dois grupos de coesão que abrangem os tipos menores:

[...] a maioria dos pesquisadores passou a classificar os recursos coesivos em dois grandes grupos, responsáveis pelos dois grandes movimentos de construção do texto: a remissão/referência a elementos anteriores (coesão remissiva e/ou referencial) e a coesão seqüencial, realizada de forma a garantir a continuidade do sentido.

Na coesão referencial, os termos fazem referência a algo que foi dito anteriormente, através de pronomes, palavras sinônimas. Já a coesão sequencial é usada para ligar, por exemplo, duas orações através de conectivos, uma expressão, um mecanismo linguístico para fazer a ligação de uma oração com outra. Coesão é a ligação entre as partes do texto e é estabelecida por meio de mecanismos linguísticos.

A coesão é importante porque permite o entendimento e a ligação, a amarração das frases, e isso contribui para uma compreensão satisfatória dos leitores/ouvintes. Quando o texto não é coeso, apresenta apenas palavras soltas, que não transmitem nenhuma mensagem.

Segundo Koch (2004, p. 40), “[...] a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual entram numa configuração veiculadora de sentidos”, ou seja, está relacionada à ligação, à harmonia entre duas ideias, é a relação de sentido entre as partes do texto. Ela é a grande responsável pelos sentidos do texto e está envolvida com os princípios semânticos e cognitivos, pois a interpretação do texto depende também do conhecimento prévio dos interlocutores. Um texto só será considerado coerente se envolver o conhecimento de mundo do receptor, ou seja, é estabelecida por meio da relação entre leitor e texto. Desse modo, a coerência mostra que um texto não é formado e nem existe somente em si mesmo, e sim que é estruturado a partir da relação entre os interlocutores e o mundo. Marcuschi (2008, p. 121) confirma isso ao dizer que “a coerência é uma atividade interpretativa e não uma propriedade imanente ao texto”, portanto ela não está anexada ao texto e sim é construída. Liga-se, pois a atividades cognitivas e não ao código apenas”. Observe o exemplo:

*Gosto muito de doces, de todos os tipos, por isso, não irei comer esse chocolate.*

Nesse exemplo, tem-se uma frase que não manteve a lógica da afirmação apresentada no início, de modo que toda a compreensão acaba sendo afetada, tornando-se incoerente. Dessa forma, a falta de coerência afetou toda a significação do texto, prejudicando a continuidade dos sentidos e a compreensão.

Conforme Koch (2004, p. 43), a aceitabilidade

refere-se à atitude dos interlocutores de aceitarem a manifestação linguística do parceiro como um texto coeso e coerente, que tenha para eles alguma relevância. Deste modo, mesmo que o texto contenha incoerências locais ou pareça a princípio incoerente, o leitor/ouvinte fará o possível para atribuir-lhe um sentido.

Esse critério de textualidade ocorre porque o leitor/ouvinte se esforça em entender o texto que foi produzido pelo escritor/falante. Mesmo diante de alguma agramaticalidade no texto, ele não deixa de ser aceitável e inteligível pelo seu leitor.

Quanto à informatividade, Koch (2004, p. 41) afirma que “[...] diz respeito, por um lado, à distribuição da informação no texto, e, por outro, ao grau de previsibilidade/redundância com que a informação nele contida é veiculada”, ou seja, deve haver a informação velha e nova, pois um texto que possua apenas informações já conhecidas não se torna interessante e nem transmite nada além do que já se sabe. Contudo, é impossível que um texto seja formado apenas por informação nova, além do mais, seria complicado compreender algo que só traga novidades sem que se possa apoiá-las ou fundamentá-las em dados já conhecidos, pois o texto se apoia em uma informação já conhecida para, posteriormente, apresentar algo novo.

Além disso, conforme Bentes (2017, p. 289), “o fator informatividade diz respeito ao grau de previsibilidade das informações que estarão presentes no texto, se essas são esperadas ou não, se são previsíveis ou não”. Koch (2008) também pondera que, quanto mais previsível um texto for, menos informativo ele será. Um texto menos previsível tem chances de ser mais informativo e de compreensão mais difícil, entretanto, possui mais possibilidade de ser interessante.

Outro princípio ainda deve ser levado em consideração: a situacionalidade. Sobre esse princípio, Marcuschi (2008, p. 129) ressalta que

Em certo sentido, todo o texto conserva em si traços da situação a que se refere ou na qual deve operar. A situacionalidade pode ser vista como um critério de adequação textual. Este princípio diz respeito aos fatores que tornam um texto relevante numa dada situação, pois o texto figura como uma

ação dentro de uma situação controlada e orientada. A rigor, a situacionalidade é dada já pelo simples fato de que o texto é uma unidade em funcionamento.

Nesse sentido, a situacionalidade é compreendida como a adequação do texto à situação comunicativa. Ela é que irá orientar o significado do discurso no momento da sua produção e de sua interpretação. Em razão disso, por vezes, um texto que aparenta ser menos claro pode atuar de forma mais eficaz em determinadas situações do que outro que seja considerado mais claro. A situacionalidade é de grande relevância, mas ainda é preciso considerar outro critério de textualidade muito importante: a intertextualidade, o penúltimo a ser discutido.

Segundo Koch (2004, p. 42)

A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.

Esse fator assegura que um texto não é construído de forma isolada, mas em conjunto a outros já existentes que o influenciam, tornando-se um ponto de partida. Dessa forma, intertextualidade pode ser entendida como a relação estabelecida entre os textos, seja para afirmá-los ou para negá-los. Esse critério trata os textos não como objetos isolados, explicando que devem ser utilizados e produzidos em união, por isso, temos a afirmação de que “[...] a intertextualidade, mais do que um simples critério de textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado” (Marcuschi, 2008, p. 132). Assim, o texto apresenta uma relação, uma conversa das palavras entre si, não caracterizando um acontecimento isolado. Por fim, tratamos do último critério, mas não menos importante: a intencionalidade.

Em concordância com a linguista brasileira Koch (2004, p. 42), “a intencionalidade refere-se aos diversos modos como os sujeitos usam textos para perseguir e realizar suas intenções comunicativas [...]”. Esse ponto se relaciona ao empenho do autor de produzir um texto coeso e coerente; tudo o que ele irá mobilizar para fazer com que seu leitor o compreenda, por isso, “um ato de fala, um enunciado, um texto são produzidos com um objetivo, uma finalidade que deve ser captada pelo leitor” (Marcuschi, 2008, 127). Todo texto tem, em suas palavras, em sua produção, uma intenção, que o produtor irá instigar no leitor/ouvinte para alcançar o que deseja.

Todos esses critérios atuam em prol da construção do sentido. A seguir, tem-se uma reflexão sobre essa construção; na seção, será discutido como se arquitetam os sentidos do texto.

### 2.3 O TEXTO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Para que haja uma boa construção de sentidos no texto, tanto fatores linguísticos como extralinguísticos devem ser observados e devem cooperar uns com os outros. É como a construção de uma casa que depende de diversos materiais para que seja bem construída, pois se um elemento faltar, ela não terá segurança e nem estará bem-feita. Da mesma forma, na produção de um bom texto e seus sentidos, todos os elementos devem ser utilizados para que se chegue ao objetivo final. Nesse sentido, Koch (2003b, p. 27) salienta que

[...] a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado deve preservar a *organização linear* que é o tratamento estritamente lingüístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a *organização reticulada* ou tentacular, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

Aqui a autora somente reforça o que foi dito anteriormente. Para que haja uma boa construção do texto e seus sentidos, devem ser observados todos os elementos relacionados à organização interna do texto, a coesão e a coerência. Segundo Koch (2003b, p. 45) coesão é o “[...] fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também lingüísticos, [...]”, construindo, dessa forma, um encadeamento com sentido.

Por outro lado, “a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos” (Koch, 2003b, p. 52). Ou seja, a coerência não é mera característica do texto, mas sim algo que também é de responsabilidade do receptor no momento do ato interacional e que depende da situação em que essa interação se deu. Bentes (2017, p. 271) reitera isso ao dizer que “[...] o(s) sentido(s) do texto não está/estão no texto em si, mas depende(m) de fatores de diversas ordens: linguísticos, cognitivos, socioculturais, interacionais”, ou seja, no texto, as palavras

são importantes, entretanto, o sentido do texto não está na sua estrutura, mas é dependente de diversos fatores já citados.

Ainda discutindo em relação à construção de sentidos, Koch (2003b, p. 28) destaca que “a informação semântica contida no texto distribui-se, como se sabe, em (pelo menos) dois grandes blocos: o *dado* e o *novo*, cuja disposição e dosagem interferem na construção do sentido”, isso porque a informação dada serve como âncora, como suporte para que a informação nova se consolide. Essa é uma das formas utilizadas para a construção de sentidos, em que o produtor apresenta algo que já é conhecido pelo leitor/ouvinte para que esse associe, relacione o novo ao dado para que, dessa forma, a compreensão seja facilitada.

Koch (2003) enfatiza que as retomadas que são feitas no texto ocorrem por meio de remissão ou referência textual, que geram as cadeias coesivas, que, por sua vez, auxiliam na produção de sentido. A respeito da remissão, ela ocorre

[...] não a referentes textualmente expressos, mas a “conteúdos de consciência”, isto é, a referentes estocados na memória dos interlocutores, que, a partir de “pistas” encontradas na superfície textual, são (re)avivados, via inferenciação. É o que se denomina *anáfora semântica ou anáfora profunda* [...]” (Koch, 2003b, p. 28).

A anáfora é considerada de grande relevância, pois possibilita uma relação entre o texto e os conhecimentos de mundo do interlocutor, dessa forma, ele pode reconstruir os sentidos do texto, e é nessa visão que Koch (2003b, p. 30) frisa: “[...] que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação”. Um texto só é um texto e faz sentido para alguém quando esse indivíduo consegue associar as palavras ali expressas ao seu conhecimento prévio. Bentes (2017, p. 275) apresenta o seguinte exemplo em que utiliza a seguinte letra da música:

#### Quadro 2 – Letra de música

(5) Debaixo dos caracóis dos seus cabelos	
(Roberto Carlos/Erasmoo Carlos)	
1. Um dia a areia branca	19. Um dia vou ver você
2. Seus pés irão tocar	20. Chegando num sorriso
3. E vai molhar seus cabelos	21. Pisando a areia branca

4. A água azul do mar	22. Que é seu paraíso
5. Janelas e portas vão se abrir	23. As luzes e o colorido
6. Pra ver você chegar	24. Que você vê agora
7. E irão se sentir em casa	25. Nas ruas por onde anda
8. Sorrindo vai chorar	26. Na casa onde mora
9. Debaixo dos caracóis dos seus cabelos	27. Você olha tudo e nada
10. Uma estória pra contar	28. Lhe faz ficar contente
11. De um mundo tão distante	29. Você só deseja agora
12. Debaixo dos caracóis dos seus cabelos	30. Voltar pra sua gente
13. Um soluço e a vontade	31. Debaixo dos caracóis do seus cabelos
14. De ficar mais um instante	32. Uma estória pra contar
15. Você anda pela tarde	33. De um mundo tão distante
16. E o seu olhar tristonho	34. Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
17. Deixa sangrar no peito	35. Um soluço e a vontade
18. Uma saudade um sonho	36. De ficar mais um instante

Fonte: Bentes, 2017.

De acordo com Bentes (2017), esse exemplo facilita a compreensão de como a situação comunicativa atua na recepção ou mesmo na produção textual. Pode-se inferir, pela letra da música do exemplo acima, que ela fala sobre alguém que está longe de casa e deseja retornar. Todavia, se houver o conhecimento a respeito do momento histórico no qual essa letra foi escrita, se saberá que foi exatamente quando vários intelectuais e artistas foram obrigados a ir embora do Brasil e a viver em outros países. Assim, seria possível fazer outra interpretação: de que o texto fala de alguém que foi forçado a sair de sua terra de origem, ficando longe de tudo aquilo que lhe era familiar, e que, por isso, vive numa tristeza imensa. Poderia ainda ser deduzido que a letra da música fala de uma pessoa específica, o compositor Caetano Veloso: “debaixo dos caracóis dos seus cabelos/ Uma estória pra contar/ De um mundo tão distante...”, pois, em tal época, o artista tinha cabelos encaracolados e compridos e ainda passou um tempo em Londres durante o regime militar. Tendo conhecimento desses detalhes, poder-se-ia ter outra visão da letra da música.

A situação comunicativa pode contribuir fortemente para a construção de um ou de mais de um sentido global para o texto. Uma boa análise textual deve levar em consideração este fator, sob pena de deixar de enxergar/mostrar as possibilidades das relações entre a linguagem e o mundo (Bentes, 2017, p. 277).

A situação comunicativa precisa ser observada para que a análise contemple todas as possibilidades interpretativas. A letra da música também poderia ser interpretada por alguém que não tivesse conhecimento de todos esses detalhes, mas não seria uma interpretação integral. Contudo, alguém que possua todas essas informações poderia fazer uma interpretação mais completa atribuindo sentido a todo o texto, de acordo com o que o indivíduo que escreveu tinha intenção de mostrar.

Tudo o que foi dissertado até agora, foi apresentado com o objetivo de fazer uma introdução a respeito do tópico e comentário, pois, assim como coesão, coerência, entre outros, aqueles também auxiliam na construção do texto e na coerência. Para que se produza bons textos, é necessário saber utilizar o tópico. Nesse sentido, a falta de conhecimento e organização dos tópicos em produções textuais pode comprometer a coerência e a finalidade para a qual foram produzidas. Na seção a seguir faz-se algumas reflexões acerca da argumentação.

### **2.3.1 A argumentação na organização interna do texto: uma reflexão sobre as operações linguísticas**

O dia a dia do ser humano está repleto de escolhas sobre o que vestir, o que comer, com quem se casar, o que estudar, entre outras decisões, e, para que escolhas sejam feitas, argumentos são lançados para que determinado indivíduo chegue a tal decisão. As pessoas são influenciadas diretamente ou indiretamente, como, por exemplo, através da propaganda de um tênis da Nike, que tem o objetivo de vender. Por consequência, a vida do ser humano está cheia de argumentos. A todo momento, as pessoas estão argumentando. Aprende-se a argumentar desde cedo; como afirmam Koch e Elias (2016, p. 9), “[...] como falantes de uma língua, somos competentes linguística e argumentativamente”. Trata-se de algo próprio do ser humano, o homem aprende a argumentar desde pequeno, um bom exemplo são as crianças quando querem algo que os pais não querem dar, ou adolescentes quando apresentam justificativas para determinados comportamentos. Nesse sentido, pode-se afirmar que

Argumentar é tentar influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos cuja constituição demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, visando à adesão do interlocutor. Quanto mais os argumentos forem sustentados em provas que podem ser fatos, exemplo, opiniões relatadas, dados estatísticos, mais chances teremos de ser bem-sucedidos em nosso intento (Koch; Elias, 2016, p. 34)

A argumentação é algo próprio do ser humano e é usada para convencer outros de que sua ideia é correta, é a mais adequada, aquela à qual todos devem aderir. A argumentação está relacionada à defesa de um ponto de vista por meio de quem argumenta através de um pensamento lógico. Desse modo, o ato de argumentar envolve dois lados, um que constrói argumentos para convencer o indivíduo que participa do processo de interação; do outro lado, aquele que irá aceitar ou não os argumentos expressos. A argumentação também tem a ver com a interação social, pois, em determinadas situações, quando se expõe um pensamento ou um assunto sobre o qual se tem um determinado domínio, a intenção é convencer quem ouve. O ato de direcionar o discurso é extremamente importante, pois nenhum discurso é neutro, em suas entrelinhas sempre há convicções, princípios e valores de quem fala ou escreve. É nessa perspectiva que Koch (1983, p. 7) reitera que

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso, tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da própria objetividade.

O meio utilizado para realizar essa argumentação são os gêneros textuais. Através deles, são apresentados pontos de vista e ideias são atacadas ou defendidas. Sendo assim, a linguagem que está presente em cada gênero traz valores, que cria preceitos e também preconceitos, influencia o outro, levando-o a aceitação de uma determinada ideia. Nesta pesquisa, o gênero utilizado pertence à área jornalística, o editorial, e mesmo o jornal tendo o compromisso com a verdade e a busca pela objetividade e neutralidade, pode-se encontrar algumas marcas ideológicas em seus editoriais. Isso ocorre porque não se pode afirmar que um discurso é totalmente

neutro, sem nenhuma intenção. Neste sentido, Koch (1983, p. 11) afirma que “[...] toda atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamenta-se na suposição de que quem fala tem certas intenções, ao comunicar-se”. Um adolescente, por exemplo, quando quer ir a uma festa e retornar tarde da noite, tem diversos argumentos para conseguir a aprovação dos pais; um aluno, quando quer justificar o porquê de não ter feito a atividade de casa, também apresenta inúmeras justificativas para não ser prejudicado.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a argumentação é algo que faz parte do cotidiano do homem, está presente em todos os momentos, numa entrevista de emprego, em um debate político e, até mesmo, na hora de colocar uma criança para dormir. É algo inerente ao ser humano, especificamente na linguagem, por meio da qual são expressos os argumentos. Quando se interage através da linguagem, sempre se tem objetivos a serem alcançados, comportamentos a serem desencadeados, relações para se estabelecer, efeitos para ocorrer, ou seja, deseja-se atuar sobre o outro, fazendo com que ele tenha alguma atitude, verbal ou não verbal, em relação ao argumento que foi apresentado. O próximo capítulo traz reflexões acerca dos estudos do linguista Teun Van Dijk acerca dos itens tópico e comentário.

### 3 TÓPICO E COMENTÁRIO: UMA ESTRUTURA NECESSÁRIA

Muitos estudos da Linguística Textual trazem reflexões acerca da estrutura tópico/comentário. Essa dupla evidencia uma construção marcada no texto, uma vez que coloca em foco um elemento, chamado de tópico, que é a informação velha; faz-se sobre esse tópico, então, um comentário, que é a informação nova. Essa simbiose entre velho e novo arquiteta a textualidade do texto, evidenciando sentidos vários. A seguir, são apresentadas reflexões do teórico selecionado para este estudo, juntamente com reflexões de alguns de seus leitores, acerca da estrutura tópico/comentário. Destaca-se que isso será a base para o próximo capítulo quando será feita a análise dessa estrutura em textos editoriais, em que o sentido efetivamente será analisado.

#### 3.1 O TÓPICO DISCURSIVO SEGUNDO VAN DIJK

O assunto aqui tratado é pouco abordado em sala de aula pelos professores. Como afirma Cunha (2010, p. 60), “as gramáticas tradicionais, que a maioria dos professores ou dos textos voltados para o ensino tomam como referência, pouco falam das construções de tópico”, que tem uma importância enorme na elaboração de textos. Na estrutura tópico-comentário, deixa-se em destaque uma informação, chamada de tópico, para depois se fazer um comentário a seu respeito. Pontes (1985) relata que, para muitos, o tópico do texto está no título ou no início de cada parágrafo. Entretanto, será visto que não é somente desse modo que o tópico se apresenta. De acordo com Van Dijk (1980, p. 181),

[...] um tópico é alguma função que determina sobre que coisas estão sendo ditas. Da mesma forma, um tópico é frequentemente associado ao que é “já conhecido” (pelo ouvinte) em algum contexto conversacional, ou ao que é “pressuposto” (a ser identificado) por alguma frase.

O tópico é a informação já conhecida, aquilo que não é novidade, é toda a informação que é colocada em evidência e sobre a qual é feita um comentário. Ainda referente ao tópico, Travaglia (2006, p. 53) também afirma que “o tópico discursivo tem a ver com o conteúdo do texto”, ou seja, o tópico é a síntese do conteúdo a ser tratado. Nesse sentido, Silva e Cortez (2020, p. 45) se encontram alinhados com

Travaglia quando ressaltam que “o tópico pode ser considerado como aquilo acerca do que se fala/escreve, tendo em vista que ele é apontado como o fio que conduz o tema/assunto principal de determinado texto”. O tópico também não é autossuficiente, pois depende do que foi dito ou escrito anteriormente, como é asseverado por Van Dijk (1980, p. 182): “tópicos são elementos de uma frase que são limitados pelo texto ou contexto anterior”. Uma dica para encontrar um tópico é saber que ele resgata um assunto citado anteriormente ou algo que as pessoas envolvidas no discurso supostamente já saibam, ou seja, o tópico sempre irá apresentar algo que seja próximo, conhecido por seus interlocutores.

Van Dijk (1980) traz o seguinte exemplo de tópico:

*João herdou uma grande propriedade de seu velho tio que morava na Austrália.*

Nessa ocorrência, o nome “João” é considerado o tópico, pois é sobre o que se fala, e todo o predicado restante é o comentário, é a informação nova apresentada a respeito de João.

De acordo com Silva e Cortez (2020, p. 45), é atribuída outra função ao tópico, “justamente pelo fato de ele estar ligado aos aspectos globais da composição textual discursiva, alguns estudiosos o enxergam como um dos responsáveis pela manutenção da coerência textual”, pois os subtópicos seguem a informação apresentada pelo tópico principal, há uma conversa, uma relação entre eles. Por isso, fala-se que o tópico auxilia na coerência textual, pois ele dá continuidade ao que foi falado anteriormente. Silva (2021, p. 20), em sua pesquisa, reitera que “por estar relacionado à macroestrutura do texto, o tópico é considerado como um dos elementos responsáveis pelo estabelecimento da coerência e tem seu conceito ligado ao tema/assunto principal do texto”. Silva (2021) também o classifica como responsável pela organização textual, e acredita que a falta de organização dos tópicos em produções textuais pode comprometer a coerência e a finalidade para a qual foram produzidas.

Definidos como macroestruturas semânticas, que derivam das microestruturas, representam o assunto que trata o discurso, já que em geral, portam a informação mais relevante de um discurso, e explicam a coerência geral dos textos e conversações [...]. Os tópicos são o significado global com que os usuários de uma língua, mediante a produção e a compreensão de

discursos, representam a essência do que sugerem os discursos (Enevan; Jovino, 2019, p. 30).

Os tópicos atuam na coerência, ou seja, na relação de sentido entre as partes do texto, pois os tópicos devem conversar entre si, devem ter ligação um com o outro para que o texto tenha sentido. Por isso, faz sentido tratar, nesta pesquisa, a respeito da textualidade.

Segundo Pontes (1985, p. 51), “mais de um linguista acredita que o sujeito expressa o tópico discursivo”; Van Dijk (1980, p. 179) também afirma que “parece que o tópico de uma frase coincide com, ou é expresso por, o sujeito da frase [...]”. Nesse sentido, observa-se que, em determinado momento, cogitou-se a ideia de que o tópico fosse o sujeito, todavia, hoje se entende que, em determinadas situações, o tópico pode vir representado através do sujeito, mas que nem sempre o tópico será o sujeito da frase. Uma explicação é expressa por Pontes (1985), que acredita que o motivo para isso ocorrer está no fato de o sujeito vir no início da frase, sendo que no início há a tendência de vir uma palavra ou expressão que relembra o que foi dito antes; o sujeito, em alguns casos, dava continuidade ao tópico.

Nesse sentido, o que se apresenta é que, por vezes, o sujeito pode ser confundido com o tópico, pelo fato de normalmente aparecer no início da frase. A tendência é de que, no início da frase, seja apresentado o tema a ser tratado. A autora afirma que, apesar de o sujeito não expressar diretamente o tópico, aquele ainda assim exerce uma tarefa importante, pois é ele quem dá continuidade ao tópico por meio de expressões referenciais, pronomes, entre outros. Conforme Pontes (1985, p. 61), “dessa maneira, entendo que o sujeito pode ser tópico neste sentido: ele dá continuidade, provê elementos que fazem parte, que constituem o tópico do discurso”. Entretanto, com essa afirmação, não se pode pensar que, observando o sujeito, encontraremos o tópico.

Com isso, Pontes assegura que, mesmo que em alguns casos o sujeito não atue como tópico, ainda assim sua presença é fundamental para o desenvolvimento da cadeia de tópicos, pois é ele quem disponibiliza expressões que darão continuidade ao tópico.

Baseado em Pontes, Cunha (2010, p. 54) apresenta algumas características do tópico e sujeito:

- a. o papel funcional do tópico é o de chamar atenção para um elemento. Nesse ponto, a autora diz que nem sempre o sujeito tem essa função;
- b. o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser indefinido. Isso ocorre porque o tópico é informação velha, ao passo que o sujeito pode não o ser;
- c. o sujeito tem relações seletivas com o verbo, assim este o determina; o tópico não precisa ter. Isso quer dizer que se o verbo é de ação pede um sujeito agente, mas não um tópico agente;
- d. o verbo normalmente concorda com o sujeito, mas não há entre verbo e tópico qualquer relação de concordância;
- e. o tópico é obrigatoriamente o elemento inicial da sentença, pois é o elemento para o qual se pretende chamar atenção;
- f. o sujeito, mas não o tópico, desempenha papel proeminente em processos internos à sentença, tais como reflexivização, passivização etc.

Por meio desses pontos que foram apresentados a respeito de tópico e sujeito, percebe-se diversas distinções entre um e outro, diferenças relacionadas à função e à relação. O papel desempenhado por ambos é distinto, por isso o sujeito tem mais relação com a estrutura, com a frase, enquanto o tópico tem mais relação com o que é dito. Ao se tentar compreender uma frase pensando somente em sujeito e predicado em lugar do tópico e comentário, poderá haver problemas de compreensão.

Pontes (1985, p. 62) também garante que um texto normalmente é constituído por um tópico principal, “então, quando se diz que um novo tópico está sendo introduzido, na verdade não se está dizendo que o falante (ou escritor) mudou de assunto. Em geral, é um subtópico que está sendo introduzido”. Ou seja, o texto possui um tópico principal em que outros subtópicos se apoiam para desenvolver o assunto. É ancorado nesse grande tópico que todo o texto se produz, ele é a base da estrutura do texto. É o discurso precedente que estabelece o tópico, ou seja: é o que é apresentado antes que determinará qual é o tópico. Portanto, não se deve deixar de levar em consideração as informações introdutórias, pois é ali que o tópico estará sendo indicado para posteriormente ser apresentado um comentário a seu respeito. Alguns linguistas propõem perguntas como meio para encontrá-lo.

Até na conversação onde é possível mudar o tópico com facilidade, existem regras para se relacionar um assunto com outro. Normalmente, quando se pretende iniciar um novo tópico, deve-se encontrar uma forma de relacioná-lo ao que se está falando. Isso mostra que existe uma regra para que o tópico seja mantido, mesmo na conversação, onde há uma liberdade maior.

Nesse sentido, não é possível ir mudando de assunto de uma hora para outra. Há toda uma regra que rege essa situação, até mesmo na oralidade, que muitos pensam que, não precisam ter determinados cuidados. Fica compreensível que,

mesmo na conversação, não se pode fazer mudança de assunto de uma hora para outra sem que tenha sido feita uma ligação, uma associação de temas, pois se corre o risco de o interlocutor não compreender a mensagem transmitida, sobretudo na escrita, em que a compreensão pode ser mais afetada por ocasião de usar apenas as palavras.

Cunha (2010) alerta que as sentenças de tópico-comentário podem ser de vários formatos, tais como:

1. Sentenças de duplo sujeito: sentença na qual a relação tópico comentário não se dá no nível sintático, mas sim semântico-discursivo. Por exemplo:

Ex: As cadeiras optativas, cê precisa ter um conhecimento bom primeiro.

O exemplo expressa que a pessoa precisa primeiramente ter um bom conhecimento das outras cadeiras (no caso, as disciplinas que integram a matriz curricular de um curso) para estar capacitada a fazer as cadeiras optativas. Então, “para que o interlocutor atribua à sentença em questão o mesmo significado que o enunciador quis dar, é necessário que ambos estejam compartilhando de um mesmo contexto situacional” (Cunha, 2010, p. 56).

2. Construções de tópico com topicalização ou com deslocamento para a esquerda: sentença na qual ocorre um deslocamento de um elemento da frase para o início. A distinção que há entre a topicalização e o deslocamento à esquerda é a seguinte: naquela, o elemento que é deslocado não deixa marcas; nesse, por sua vez, o elemento deixa um pronome-cópia no lugar. Abaixo, tem-se dois exemplos do que foi dito.

Ex: Repelex, precisa, né? – construção de topicalização derivada de Precisa de Repelex, né?, em que o elemento de Repelex, ao ser deslocado para a posição de tópico, perdeu a preposição e não deixou em seu lugar qualquer marca.

Ex: A Rosa, eu encontrei ela ontem - construção de DE derivada de Eu encontrei a Rosa ontem, em que o elemento a Rosa foi deslocado para a posição inicial (tópico), deixando em seu lugar um pronome-cópia (ela).

3. Construções de falso SVO (sujeito, verbo e objeto): tipo de tópico diferenciado dos demais, pois se aproxima estruturalmente ao modelo SVO (sujeito-verbo-predicado), sendo que se inicia a sentença com um SN seguido de um verbo e, depois, por outro SN. Cunha (2010, p. 57) afirma que “contudo, o primeiro SN não é o sujeito, mas sim o tópico da oração e o SN que vem depois do verbo é que é o sujeito”. O diferencial desse tipo de construção é que, normalmente, a concordância do verbo é feita com o primeiro SN, que é o tópico e não o sujeito, e isso é explicado pelo fato de que o sujeito aparece costumeiramente no início da frase.

Ex: Essa casa bate muito sol.

A autora afirma ainda que as sentenças com mais probabilidade de serem aceitas são as de topicalização e deslocamento à esquerda, especialmente quando esses processos ocorrem com o objeto, pois tal construção é considerada verdadeira por importantes gramáticos.

Enevan e Jovino (2019, p. 29) destacam que “os tópicos têm um papel fundamental na comunicação e interação, representam o que o discurso ‘quer dizer’ em termos globais”. Os tópicos fazem um apanhado geral, ou seja, resumem o assunto a ser tratado, permitindo ao leitor ou interlocutor guardar a informação principal. A respeito disso, Van Dijk (2013, p. 359) afirma que

Os tópicos são os significados que os usuários da língua instituem na produção e compreensão do discurso, o “essencial” que será lembrado. Os usuários da língua não são capazes de memorizar e gerenciar todos os detalhes dos significados locais de um discurso. Assim, organizam os significados locais em significados globais ou tópicos. A relevância social dos tópicos na interação discursiva e a estrutura social definem a orientação dos falantes, das organizações e dos grupos e traz discussões e ações futuras muito significativas.

Nessa declaração, vê-se a importância e o poder dos tópicos. Nesse caso, o tópico carrega consigo todo o significado do texto – ele é a síntese do texto, sendo muito significativo o seu uso nas interações humanas. Eis a importância do contexto para a compreensão e identificação do tópico e comentário, sem a qual se torna inviável o reconhecimento dos mesmos. É fundamental conhecer e entender o contexto, pois é ele que nos dará pistas para visualizarmos o ponto principal do

enunciado ou texto. Por isso, Silva e Cortez (2020, p. 44) afirmam que o tópico necessita ser observado mais pelo lado contextual do que cotextual e reiteram o seguinte:

Damos destaque à questão da visão de mundo por acreditarmos que ela muito contribui para a construção tópica na perspectiva interativa da linguagem, apontando algumas estratégias discursivas dos falantes/escreventes – principalmente na construção de textos argumentativos. Por esse ângulo, supomos que as escolhas textuais-discursivas, como – e principalmente – a seleção lexical dos referentes, conduzem o tópico discursivo e apontam a orientação argumentativa do texto (Silva; Cortez, 2020, p. 47).

Dessa forma, o conhecimento dos interlocutores e sua visão de mundo necessitam ser levados em conta na constituição do tópico, especialmente quando se pretende argumentar algo.

Van Dijk (2013, p. 360) assevera que “com os tópicos, os significados locais são os mais lembrados e facilmente reproduzidos pelos receptores, e, por isso, com consequências sociais”; nesse sentido, pode-se ver que ele é um meio de influenciar, deixar registrado na mente do interlocutor ou leitor aquilo em que se acredita, que se pretende defender. O ser humano, com sua necessidade de comunicação, desenvolveu várias formas para se comunicar, por exemplo: pintura, escultura, música, gestos, escrita, entre outros. Todas essas formas de expressão evoluíram e, atualmente, existem vários meios para repassar informações, tais como: jornais, revistas, internet, rádio, TV, que são meios utilizados também para influenciar e convencer o público. A esse respeito Oliveira e Timo (2013, p. 1) afirmam que

Os meios de comunicação em massa, entre eles a mídia impressa, têm atuado, na sociedade moderna, como mediadores entre a população leiga e o mundo científico. Isso ocorre, dentre outros fatores, em virtude da necessidade que o leitor possui de estar a par dos rumos tomados pelas diversas áreas da ciência.

Atuando como mediadores entre as pessoas e o que de atual vem ocorrendo, a mídia impressa tem a possibilidade de manipular, influenciar e convencer os seus usuários. Por isso, a pesquisa procura compreender como o tópico ajuda na construção da argumentação em editoriais. Contudo, não se deve esquecer do comentário, que sempre está auxiliando na compreensão do tópico, por isso, o próximo assunto a ser tratado é este.

### 3.2 O COMENTÁRIO DISCURSIVO SEGUNDO VAN DIJK

Com relação ao comentário, Van Dijk (1980, p. 181) afirma que “o comentário, então, é associado ao que é ‘não conhecido’ (pelo ouvinte) e declarado”. Nesse sentido, o comentário é aquilo que não se sabe, é a informação nova, como bem afirma o autor. Van Dijk (1980, p. 189) declara que “qualquer expressão em uma frase que denota algo denotado antes é atribuída a uma função de tópico, enquanto as outras expressões são atribuídas a uma função de comentário”. Podemos afirmar que existe uma relação entre tópico e comentário, logo, se existe um tópico, podemos deduzir que também haverá um comentário. Dessa forma, o tópico é algo que já está estabelecido na mente do indivíduo, com o qual ele já possui uma certa intimidade, algo de que ele já tem conhecimento e que é combinado com uma informação nova: o comentário.

Van Dijk (1980) apresenta alguns exemplos em relação ao tópico e comentário:

[42] *João é rico.*

A palavra “João” é vista como o tópico, porque contemplar o que está sendo dito; já “é rico” é o comentário, pois apresenta uma informação a respeito de João. É apresentado ainda outro exemplo em que o comentário é mais complexo:

[43] *João herdou uma grande propriedade de seu velho tio que morava na Austrália.*

Nesse exemplo, João atua como tópico, e o restante da frase, como comentário. Desse modo, o tópico corresponde ao ponto de ênfase conforme a intenção comunicativa do falante, ao passo que o comentário corresponde ao argumento que dá sustentação à ideia que o tópico apresenta. Em conformidade com Van Dijk (1980, p. 183) “essa nova informação [...] pode assumir várias formas: pode atribuir uma propriedade geral ou particular a um indivíduo conhecido e identificado, ou uma relação entre indivíduos conhecidos e conhecidos”. O comentário pode falar de forma geral ou particular a respeito do tópico. O comentário tem o trabalho de apresentar, possibilitar um conhecimento a mais referente ao tópico discutido. Ele traz

uma informação nova que irá agregar mais conhecimentos a respeito de determinado assunto.

Conforme tudo o que já foi apresentado até aqui a respeito de tópico e comentário, nota-se sua importância para a produção textual, podendo ser considerado requisito essencial. Do mesmo modo como é necessário a todo e qualquer texto que a coesão e coerência sejam bem trabalhadas, assim também ocorre com tópico e comentário, pois atuam na relação de sentido entre as partes do texto, devem conversar entre si, devem ter ligação um com o outro para que o texto tenha sentido. O tópico é visto por muitos estudiosos como aquele que organiza o texto e dirige o tema principal; é através da estrutura tópico-comentário que é dada continuidade ao tema, é ela que garante a continuidade do texto. Ou seja, em um texto, as ideias apresentadas são organizadas baseadas em uma ideia central, fazendo com que ocorra a devida coesão textual. A seguir, será visto de que modo o tópico e o comentário auxiliam na organização do sentido do texto.

### 3.3 TÓPICO E COMENTÁRIO: UM ESTUDO NA ORGANIZAÇÃO DO SENTIDO DO TEXTO

Hoje, é nítida a dificuldade que os indivíduos têm para construir um texto bem-organizado. Pode-se ver anteriormente que a textualidade é composta por alguns fatores básicos necessários à construção do bom texto, ela garante que se tenha um texto compreensível e que a comunicação seja efetivada com êxito. Nesse sentido, pode-se pontuar aqui também como a falta de conhecimento e de organização em relação ao tópico tem causado sérios danos à coerência dos textos, pois ele auxilia na estruturação do texto e na construção do sentido.

Destacamos que, apesar de o tópico discursivo vir, há algum tempo, ganhando notoriedade nas pesquisas de importantes nomes da Linguística de Texto (LT), como as de Koch (2014) e Marcuschi (2008), poucos trabalhos o levam ao campo do ensino da escrita. Além disso, quando associados às questões didáticas, os estudos sobre o tópico, como o de Travaglia (2016), dão inegáveis contribuições à LT, mas apenas lançam possíveis estratégias, ou seja, não vão à prática (Silva; Oliveira, 2020, p. 295).

Nessa perspectiva, compreende-se que o assunto é pouco difundido, e quando é discutido, o mínimo se coloca em prática, ou seja: uma quantidade escassa de pessoas entendem de forma consistente o assunto e os poucos que conhecem, por

vezes não conseguem efetivar esse conhecimento na escrita dos textos, não chegam a colocá-lo em prática, fazendo com que fique somente na teoria. E, conseqüentemente, se os estudiosos da língua não conseguem ou não consideram necessária a prática desse conhecimento, tampouco os estudantes saberão como proceder e terão dificuldade para utilizar tal mecanismo.

De acordo com Pinheiro (2005, p. 7, apud Silva; Cortez, 2020, p. 45), é atribuída ao tópico a função de “princípio organizador do texto”, ou seja, ele possui essa capacidade de realizar a organização textual. Dessa forma, pode-se dizer que observar o tópico é fundamental para a construção de um bom texto. Silva e Cortez (2020, p. 45) também definem tópico como “o fio que conduz o tema/assunto principal de determinado texto”; em outras palavras, é através dos tópicos que é dada continuidade ao tema durante o texto. Ou seja, em um texto, as ideias apresentadas são organizadas baseadas em uma ideia central, fazendo com que ocorra a devida coesão textual.

Em razão de o tópico estar ligado às ideias principais que compõem o texto, ele é considerado também responsável pela coerência e por possuir uma característica interativa, um tópico conversa com outro, é resultado da interação entre os indivíduos. Anteriormente, pensava-se que isso só ocorria em textos orais, mas depois se observou que essa construção textual interativa do tópico também aparece em textos escritos, pois passa a ser visto como algo que faz parte de todo texto, já que, quando o escritor faz suas escolhas, direciona-as em função de um interlocutor.

Nesse sentido, pode-se dizer que essa interação entre os tópicos também ocorre na escrita. Ainda em relação ao tópico, Silva e Cortez (2020, p. 46) declaram que “o tópico se apoia em uma outra categoria textual para poder ser depreendido e passível de investigação: os referentes”, pois se o tópico é realmente o fio condutor do assunto principal, será através dos referentes que se poderá saber qual o tema principal. Silva e Cortez (2020) alegam que é por causa da ajuda dos referentes que as duas propriedades que caracterizam o tópico conseguem ser inferidas de forma eficaz nas análises textuais. A seguir, serão abordadas as duas propriedades que particularizam o tópico.

### **3.3.1 O processo de organização tópica**

Pinheiro (2005, p. 151) afirma que o tópico possui “[...] duas propriedades que o particularizam: a centração e a organicidade”. Essa afirmação revela que o processo de organização tópica é regido por duas propriedades: centração e organicidade. A esse respeito, Silva (2021, p. 22) também confirma que “atribuiu-se ao tópico as duas propriedades que o caracterizam como elemento passível de análise: a centração e a organicidade”. Agora serão contempladas essas duas propriedades.

### 3.3.1.1 Propriedade da centração

O próprio nome já diz: essa propriedade concentra toda a interação verbal em um grupo de referentes que são concernentes entre si e em relevância em alguns pontos do texto. De acordo com Jubran (2006a, p. 92 apud SILVA, 2021, p. 22- 23), a centração está dividida em três traços:

- a) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem –, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes (objetos-de-discurso);
- b) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento do texto falado.

Os tópicos avançam conforme as suas construções são baseadas em conjuntos de referentes, que devem possuir algum tipo de relação entre si, baseados no assunto do texto e que ganham importância em determinadas partes do texto. Silva e Oliveira (2020, p. 295) afirmam que esses três traços da centração são “responsáveis pela relação semântica que as informações do texto mantêm entre si, pela integração de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis e pelo destaque e localização desse conjunto, que se sobressai em algum momento do texto”. Quando há a pontualização numa relevância que é concernente ao assunto, os referentes dão lugar à primeira propriedade tópica, que é a centração. Dessa forma, a construção textual compreende também a construção de grupos de enunciados que apresentam os três traços apresentados, e esses traços cooperam para o reconhecimento do tópico.

Nesse sentido, percebe-se que os três traços referentes à centração, que foram apresentados acima, estão inseridos no processo de construção do texto, ou seja: o

texto passa por esses três procedimentos. Além disso, outra função dos traços da centração é contribuir para o reconhecimento do tópico. Pode-se observar isso no seguinte trecho:

tem... aí depois saindo do corredor tem a cozinha... a cozinha é bem grande com uma mesa de made(i)ra bem... grande mesmo aquelas mesa de área mesmo... lá geralmente eu guardo a minha moto fica tudo abarrotado todo dia... (...) tem a pi::a o fogão do lado da pi::a... a gelade::(i)ra... é bem grande também... um armário de cozinha... nesse armário fica o telefone na parte de ba(i)xo... onde guarda (as coisa talheres essas coisas)... (Penhavel; Garcia, 2017, p. 1801 apud Garcia, 2018, p. 31).

No texto em questão, é feita a descrição de uma casa e de alguns de seus cômodos, mas especialmente da cozinha. Em relação à concernência, observa-se um conjunto de elementos relativos à cozinha que estabelecem uma relação de interdependência semântica entre os elementos: cozinha, mesa de madeira, pia, fogão, geladeira, armário de cozinha e talheres. A relevância do tópico cozinha é evidenciada por meio dos referentes que expressam que o tópico em questão é dominante, na medida em que trata, por exemplo, de vários objetos que fazem parte da cozinha. É através da concernência e da relevância que é possível encontrar a pontualização, ou seja, localizar esse conjunto referencial coeso e coerente, tido como focal. Sendo assim, pode-se dizer que concernência e relevância são traços importantes e que devem ser levados em consideração para se encontrar o tópico.

Após observar a importância da centração e seus traços para a indicar o tópico presente no texto, agora, será tratado a respeito da organicidade, que também desempenha um papel importante entre os tópicos do texto.

### *3.3.1.2 Propriedade da organicidade*

Segundo Jubran (2006a, p. 92 apud Silva, 2021, p. 22-23),

A segunda propriedade, a organicidade, está ligada às relações de interdependência pelas quais os tópicos e subtópicos se distribuem e se integram no texto em dois planos: no hierárquico (pela relação intertópica da verticalidade) e no sequencial (pela relação intratópica da sequencialidade).

Em relação à segunda propriedade, a organicidade diz respeito à interdependência mútua entre tópicos e subtópicos, um depende do outro. Constituindo essa propriedade, tem-se dois planos:

- a) O plano hierárquico, no qual os tópicos se desenvolvem do mais abrangente para algo mais específico;
- b) O plano sequencial, em que se encontram tópicos diferentes, mas que estão ligados ao tópico central. Silva (2021) afirma que são essas duas situações que dão origem aos quadros tópicos.

Abaixo, tem-se uma redação apresentada por Silva (2021, p. 43), produzida em 2019 por um aluno do projeto de extensão Interação da UFPE, na qual se procura mostrar como as propriedades de centralização e organicidade são organizadas para criar quadros tópicos.

#### Quadro 3 - Redação

R1-2019

Consoante ao poeta Cazuzu, “Eu vejo o futuro repetir o passado”, percebe-se que a questão dos **moradores de rua** no território brasileiro não é um problema atual. Desde da Lei Áurea, milhares de escravos foram libertos e *sem lugar para morar*, tendo que recorrer a **rua** como forma de escape, deixar eles em **situação de vulnerabilidade**. De modo semelhante, no Brasil, a questão das **pessoas em situação de rua** ainda é uma problemática, devendo ser discutido suas principais causas.

Em primeiro lugar, podemos destacar a *precariedade de políticas públicas* existentes. Se por um lado a *Constituição Cidadã*, de 1988, o artigo 6º, preconiza e assegura o *direito à moradia* e bem estar social; por outro, **esses direitos** são negligenciados na prática pela população, ocasionando um crescente aumento de **pessoas em situação de rua**, além de acarretar a **vulnerabilidade social dos mesmos**. Prova disso, de acordo com o G1, *o número de espaços de apoio e albergues públicos* não são suficientes para abrigar mais de 100 mil **pessoas em situação de rua** no Brasil, deixando claro o descaso da constituição.

Em segundo lugar, deixa-se avaliar o *desemprego estrutural* como impulsionador da **problemática**. Em *crise nacional intensificada*, uma parcela da população acaba perdendo *sem emprego* como decorrência, afetando a *renda familiar*, não tendo *condições financeiras* de manter o *aluguel e alimentação*, tendo como solução a **rua** como fulga *dessa realidade*. De acordo como IBGE, o número de **moradores de rua** cresce 66% desde a *crise econômica*, em 2015, deixando notório o *desemprego estrutural* em consonância com a *crise* como fator de impasse.

Portanto, medidas são necessárias para a inclusão dos **moradores em situação de rua** no Brasil. Logo, o Governo Federal junto com os municípios, deve ampliar o número de *albergues e moradias públicas*, além de possuir redes de assistência social, como intuito de garantir *direitos básicos como moradia, alimentação e segurança nesses espaços*. Além disso, deve promover uma parceria entre empresas públicas e privadas, com a ideia de garantir contratos com essa **minorias social**, dando oportunidade de emprego atrelado com uma capacitação profissional, para se ingressar devidamente no mercado de trabalho.

**Fonte: Raul Guilherme Cândido da Silva, 2021.**

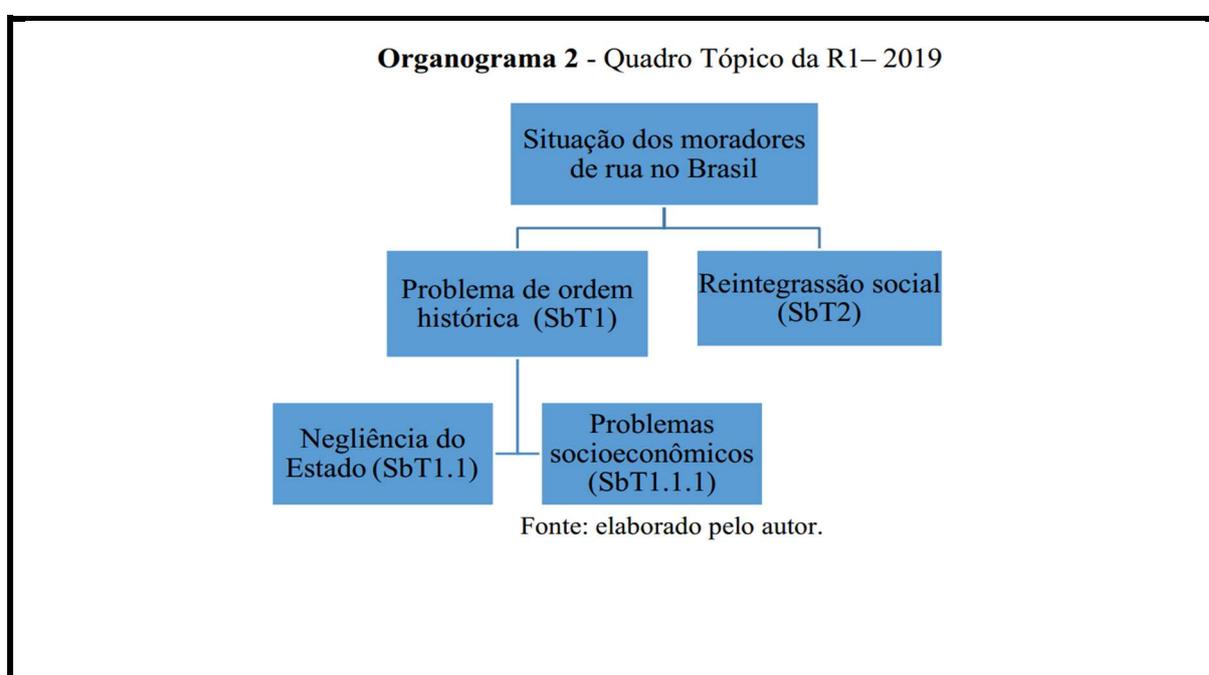
Os referentes principais do texto foram destacados em negrito, que são marcados por expressões que se referem aos moradores de rua. Os referentes aparecem no texto com enfoques informacionais interdependentes. O texto em questão foi construído a partir de um supertópico que, em seguida, está baseado em subtópicos. Pontes (1985, p. 58) fala a respeito disso quando afirma que “[...] o tópico “deve ser assegurado (entailed) pela sequência como um todo” (id.). “Assim, é necessário reconhecer os subtópicos também”. Dessa forma, vê-se que os tópicos trabalham em cadeias, em ligação um com o outro; trabalham de forma interdependente, eles permanecem concernentes entre si, e o resultado é a centração do texto. Pontes (1985, p. 62) ressalta que

Em geral um texto costuma ter uma unidade de tópico. Então, quando se diz que um novo tópico está sendo introduzido, na verdade não se está dizendo que o falante (ou escritor) mudou de assunto. Em geral, é um subtópico que está sendo introduzido. Por exemplo, numa dada conversação, eu estava comentando que nenhum jornal havia dado uma determinada notícia. E então usei a estrutura: “Já o Jornal do Brasil, você viu a crônica do Drummond?” Esse tipo de frase é semelhante a D.E (deslocamento à esquerda), que Givón

(1979) considera de mudança do tópico. Com essa estrutura, eu estava contrastando J.B. com os outros jornais. Não houve mudança de tópico no sentido de assunto, continuei a falar do mesmo fato, mas *Jornal do Brasil* não havia aparecido antes.

Sendo assim, um tópico normalmente não está só, há possibilidades que subtópicos o acompanhem sustentando a ideia principal apresentada. Silva (2021) afirma que, normalmente, os textos apresentam somente um supertópico porque eles estão norteados por uma ideia maior. Abaixo, tem-se a imagem do quadro que apresenta toda a organização do texto.

**Figura 4 – Quadro tópico**



**Fonte: Raul Guilherme Cândido da Silva, 2021.**

A forma como foi realizada a distribuição dos referentes no texto R1-2019 dá a possibilidade de que o texto seja representado primeiramente por meio de um supertópico, e que, logo em seguida, seja dividido em subtópicos. Pelo quadro, percebe-se que, no plano hierárquico, o supertópico está ligado a dois subtópicos: SbT1 e SbT2; no SbT1, mais duas ideias são apresentadas: SbT1.1 e SbT1.1.1. Já no plano sequencial, SbT1 e o SbT2 são diferentes, mas estão ligados ao tópico central, assim como SbT1.1 e SbT1.2, que são independentes entre si, mas dependentes de SbT1.

Como já dito anteriormente, o tópico se apoia nos referentes para ser compreendido e investigado; isso ocorre porque o tópico é visto como o assunto principal do texto, e é por meio dos referentes que se pode dizer sobre o que se fala/escreve. É também por meio deles que a centração e a organicidade são melhor compreendidas nas análises, porque a primeira é considerada como o ponto para o qual tópicos e subtópicos se voltam em torno de um determinado assunto. Já a segunda diz respeito à distribuição dos tópicos no texto, o que contribui para a formação de quadros tópicos. A respeito disso, é dito que

Nesse processo de distribuição organizacional, são levados em conta a continuidade, a descontinuidade e a ruptura tópica. Essas características dizem respeito, respectivamente, ao encaminhamento, à oscilação e ao esgotamento inesperado de um tópico (Silva; Cortez, 2020, p. 46).

Os autores chamam a atenção para o fato de que a descontinuidade do tópico pode vir a não causar danos à coerência, mas somente se o tópico que foi oscilado for retomado de forma clara e correta no texto. No entanto, quando ocorre uma ruptura inesperada, provavelmente a coerência será afetada, principalmente no caso de textos escritos, pois, na escrita, os sentidos vão sendo construídos de acordo com aquilo que o escritor já disse e com o que ele ainda irá dizer. De acordo com Koch (2014, p. 137 apud SILVA, 2021, p. 24), “para que um texto possa ser considerado coerente, é preciso que ele apresente continuidade tópica [...]”, logo, deve haver lógica entre uma ideia e outra.

Sob o mesmo enfoque da perspectiva textual-interativa do PGPF, Pinheiro (2005), com uma grande contribuição aos estudos da topicalidade, resolve investigar, em diversos textos de gêneros orais e escritos, por quais estratégias falantes e escreventes articulam os tópicos e subtópicos de seus textos. O autor, então, elenca o que ele denomina como os mecanismos de articulação tópica. São eles: a) os marcadores discursivos; b) as formas referenciais; c) as formulações metadiscursivas; d) as perguntas; e e) as paráfrases (Silva, 2021, p. 24).

Esses mecanismos se inclinam para direcionar o processo interativo e determinar a conexão entre as ideias. Silva (2021) reitera que cada um dos mecanismos cumpre trabalhos diferentes, sendo eles: a) marcadores discursivos: compreendem o tópico e direcionam o leitor às sequências do texto, podendo ser marcados por agora, mas, depois; b) formas referenciais: auxiliam na composição tópica e construção do sentido textual, podendo ocorrer por introdução referencial e

anáfora: a menina, ela, a garota; c) formulações metadiscursivas: configuram a própria construção textual-discursiva do tópico (ex.: como se vê, em resumo); d) perguntas: atuam com funções textuais-interativas que direcionam, mostram o tópico; e e) paráfrases: auxiliam na inserção de um tópico semelhante ao que já foi dito na frase, porém, com análise do que o locutor afirma a respeito dele. Assim, esses mecanismos não podem ser considerados apenas elementos coesivos, pois norteiam todo o processo a fim de que a coerência seja alcançada.

A seguir, são trazidos os procedimentos de análise, a metodologia usada para a análise e uma proposta de análise textual, considerando o trabalho com o tópico/comentário em sala de aula.

## 4 ANÁLISE DA ESTRUTURA TÓPICO/COMENTÁRIO: O SENTIDO DO TEXTO EM EVIDÊNCIA

Neste capítulo, a análise textual estará em evidência, na medida em que a organização e a distribuição da informação serão objeto de análise, tendo presente a construção do sentido dos textos. Aqui, serão descritas as características da pesquisa e todos os passos seguidos para a realização da análise dos editoriais e seus respectivos tópicos e comentários.

### 4.1 TÓPICO E COMENTÁRIO NO EDITORIAL: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DO TEXTO

Após compreender o que é tópico e comentário e que tipo de papel desempenham na organização do sentido do texto, ficou nítida a importância que eles têm para o texto; já que são eles que organizam os sentidos, tudo será direcionado a partir deles. Eles atuam na relação de sentido entre as partes do texto, devem conversar entre si, devem ter ligação um com o outro para que o texto tenha sentido. É a partir de um tópico que se faz um comentário; então, surge outro tópico que possui relação com o tópico anterior, fazendo surgir um novo comentário, e assim sucessivamente. É importante analisar o tópico e comentário enquanto princípio organizador do texto, porque é através dele que se irá descobrir em torno de qual tema o texto está sendo desenvolvido para que seja possível fazer com que um texto seja bem-elaborado.

Neste capítulo, explicam-se os procedimentos de análise. A investigação ora em foco é ancorada por procedimentos metodológicos que serão expostos neste capítulo; além dos métodos de pesquisa, serão apresentados os instrumentos de coleta e, também, os passos seguidos na análise do *corpus*.

### 4.2 A NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo observar o comportamento do tópico discursivo na organização argumentativa do texto de gênero editorial. Como meio para alcançar tal objetivo, a pesquisadora fará a análise de editoriais, observando os

tópicos e os respectivos comentários desses tópicos que organizam o sentido do texto. Além disso, será analisado como o tópico discursivo se organiza em cadeias tópicas, o sentido construído por meio das relações estabelecidas entre os tópicos organizadores do texto e as cadeias do comentário.

Do ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa pode ser considerada exploratória, porque, como destacam Prodanov e Freitas (2013, p. 51-52), “tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar”. Além do levantamento bibliográfico, serão analisados exemplos que auxiliarão na compreensão do assunto aqui tratado. Ainda em relação aos objetivos, também pode ser classificada como descritiva, pois “tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51).

Quanto aos procedimentos técnicos, este estudo se enquadra como uma pesquisa bibliográfica, documental e analítica, uma vez que apresentará análises de editoriais em que se observará a construção do sentido do texto, a partir do tópico e do comentário organizadores da informação do texto. A pesquisa se caracteriza também como bibliográfica porque o primeiro passo para essa pesquisa foi buscar o que já havia sido escrito a respeito do assunto em questão. Como afirmam Prodanov e Freitas (2013, p. 54), a pesquisa é bibliográfica “quando elaborada a partir de material já publicado, [...] com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa”. Classifica-se também como documental, pois, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 55), “baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Sendo assim, será analisado um material ainda não avaliado, organizados os dados e as informações pertinentes, formando-se, dessa forma, um novo material para consultas.

Em relação à abordagem do problema, a pesquisa se classifica como qualitativa, pois “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Será realizada a descrição e análise das informações, algo que não dá para ser expresso através de números. Na próxima seção, o processo de análise será discutido.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Esta seção é dedicada a detalhar todo o percurso metodológico adotado para realizar as análises. O objetivo principal de uma pesquisa científica é fornecer subsídios para se conhecer e explicar os fenômenos, fornecendo respostas aos questionamentos. Prodanov e Freitas (2013, p. 48) afirmam que “para essa tarefa, o pesquisador utiliza o conhecimento anterior acumulado e manipula cuidadosamente os diferentes métodos e técnicas para obter resultado pertinente às suas indagações”. Nesse sentido, na análise será aplicada a teoria do tópico e comentário do texto de Teun Van Dijk (1980), de modo a tentar demonstrar para o leitor/escritor como o sentido do texto se constrói levando em consideração a estrutura tópico-comentário.

O primeiro passo é a escolha do período para a coleta de dados, referente a essa questão. O período determinado para o início do desenvolvimento das análises será de janeiro/fevereiro de 2023. Tendo em mente esse recorte temporal da coleta de dados, o *corpus* da pesquisa se constituirá da seguinte forma: serão analisados três textos, ficando delimitado que serão textos do gênero editorial, em que será trabalhada a questão teórica apresentada nos capítulos I e II, que são as questões do tópico e comentário. Esses serão retirados de jornais como *Folha de S.Paulo*, que é um dos jornais de grande circulação e tradição, e do jornal *Zero Hora*, maior jornal do Rio Grande do Sul, para que os dados obtidos não sejam resultados de apenas um jornal. Serão editoriais especificamente do segundo semestre do ano de 2022, durante o período eleitoral, ou seja, serão editoriais que tenham como assunto principal as eleições de 2022. A escolha do assunto se deu por conta de ter sido um tema bastante polêmico.

Na análise, serão adotados primeiramente os seguintes passos: apresentar de forma sucinta qual assunto/tema é abordado em cada um dos editoriais. Em seguida, analisar, dentro do texto, quais são os tópicos principais que produzem as cadeias tópicas, além de identificar, de acordo com os tópicos encontrados, quais são os comentários feitos a seu respeito. Após estarem devidamente identificados os tópicos e os comentários, serão analisados que sentidos podem ser construídos por meio da cadeia tópica e da cadeia de comentário, e de que forma essas cadeias estão articuladas uma com a outra levando em consideração o sentido do texto. Por ser o editorial um texto de caráter argumentativo, serão observados os sentidos que foram construídos por meio da cadeia do comentário e de que forma essas cadeias estão

articuladas entre si, para, desse modo, poder avaliar como é construída a argumentação do texto de gênero editorial.

Finalizada essa etapa, os textos serão separados e as análises serão iniciadas levando em consideração os pontos descritos abaixo:

1. Características do texto;
2. Quais os principais tópicos de cada texto a ser analisado;
3. Quais sentidos esses tópicos constroem no texto;
4. Quais os comentários que cada tópico traz;
5. Qual a cadeia tópica que se constrói? Qual a cadeia do comentário que se constrói?

Após feitas todas as análises dos tópicos e comentários, será realizada a discussão dos resultados que foram obtidos através das análises, levando em consideração tudo o que foi discutido nesta pesquisa.

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO TEXTUAL: EDITORIAL

O estudo sobre o gênero textual não é algo novo, como afirma Marcuschi (2008), e o que se tem hoje é apenas uma visão um pouco mais aperfeiçoada a respeito desse assunto que já é discutido há muito tempo. Antigamente, as pessoas pensavam que a palavra “gênero” estava vinculada apenas à literatura, hoje já não há esse pensamento. Nesse sentido, Marcuschi (2008, p. 149) declara que “o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”, ou seja, o gênero textual está relacionado aos diferentes tipos textuais utilizados no dia a dia, está vinculado a toda produção textual. Marcuschi (2008, p. 149) também reitera que “a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral”, por isso, acredita-se que seja relevante explorar tal gênero, pois se crê que ele possa influenciar na formação crítica do leitor.

Nessa pesquisa, o gênero textual explorado é o editorial. O editorial é um gênero que se posiciona diante das informações atuais veiculadas nos meios de comunicação, pois é de cunho argumentativo, tenta convencer o leitor daquilo em que acredita. É um texto que apresenta ideias, argumentos e críticas, mostrando a posição do jornal sobre temas que tenham repercutido. O editorial tem como finalidade

influenciar a opinião pública, promover discussões e alertar os leitores sobre determinadas questões; para isso, utiliza argumentos, dados estatísticos e pesquisas. Esse tipo de texto também pode ser usado para diversas finalidades, tais como: defender uma posição, apoiar ou criticar políticas governamentais, propor soluções para problemas sociais, chamar a atenção para acontecimentos relevantes etc.

Referente às características do editorial, Silva (2013, p. 50) diz que “o vocabulário do editorial costuma ser objetivo, e as frases empregadas são curtas e não muito complexas. Essa objetividade visa mostrar a opinião do jornal como algo concreto e verdadeiro”. Essa linguagem utilizada no editorial tem o objetivo de torná-lo simples e de fácil compreensão para que seja mais acessível ao leitor e consiga persuadi-lo. Trata-se de um texto opinativo escrito de maneira impessoal para expressar a opinião do jornal a que faz parte. Ele também é um texto próprio do meio jornalístico e possui a mesma estrutura dos textos argumentativos, tais como: introdução, desenvolvimento e conclusão.

A seção a seguir será dedicada especialmente para a apresentação dos três editoriais que foram selecionados durante a coleta de dados e também para a análise de tais editoriais.

## 4.5 ANÁLISE DOS EDITORIAIS

Nesta seção, são trazidas as análises I, II e III. São apresentados os editoriais antes do início de cada análise; em seguida, é exposto o quadro onde estão dispostos tópicos e comentários, e, logo depois, aparece a discussão de tópicos, comentários e a construção do sentido do texto.

### 4.5.1 Análise 1

## Figura 5 – Editorial 1

ZERO HORA, SÁBADO E DOMINGO, 24 E 25 DE SETEMBRO DE 2022

## OPINIÃO DA RBS

# A RETA FINAL DO PRIMEIRO TURNO

O país está entrando na semana que antecede a votação do próximo domingo, 2 de outubro. Com a aproximação da data do primeiro turno, chega a hora de o eleitor, na reta final, aprofundar a reflexão sobre o voto que registrará para presidente da República, governador, senador e deputado federal e estadual. É o momento para consolidar a opinião, reconsiderá-la ou buscar as informações necessárias para um sufrágio consciente.

Será a escolha definitiva ao menos para os parlamentos, uma vez que, nas disputas relacionadas ao Executivo, se prevê um segundo turno caso um dos candidatos não alcance 50% mais 1 dos votos válidos. Está em jogo, portanto, a triagem dos legisladores que pelos próximos anos – quatro no caso dos deputados e oito no dos senadores – serão especialmente responsáveis pela elaboração de leis. É patente que a disputa pelos cargos de presidente e de governador costuma galvanizar mais as atenções.

Mas o aperfeiçoamento da democracia exige o mesmo rigor na seleção dos parlamentares que estarão nas assembleias e no Congresso Nacional a partir do próximo ano. Para todos os cargos, é imprescindível conhecer o histórico, propostas e causas defendidas. Traçar paralelos com os concorrentes, da mesma forma, ajuda em uma escolha mais lúcida e com menor margem de erro, a partir da linha de pensamento e demandas do próprio eleitor.

Para as candidaturas, a melhor das expectativas é a de que privilegiem proposições nestes últimos dias antes do primeiro turno. A população deve

ser convencida a partir de plataformas robustas e factíveis. Muito mais do que promessas mirabolantes, à sociedade e ao eleitor interessa saber, sem tergiversação, como os planos serão executados e de onde sairão os recursos. Na realidade orçamentária, é consabido, costumam não caber todas as juras de quem disputa o voto.

Uma campanha eleitoral também pressupõe que os candidatos sejam questionados duramente, inclusive por seus adversários. Expor contradições, cobrar posturas do passado e mostrar fragilidades de propostas fazem parte

do jogo da democracia. São ações saudáveis e ajudam o eleitor. Os últimos debates servirão a este propósito. Há disputas em que as tendências de longo prazo se confirmam, mas existem também casos de reviravolta à medida que chega o dia da votação. Estratégias de última hora podem variar. Só se deseja que o bom combate seja travado à luz do dia e com os argumentos como únicas

*Para as candidaturas, a melhor das expectativas é a de que privilegiem proposições nestes últimos dias antes do primeiro turno*

armas, sem ataques pessoais ou que façam uso do submundo apócrifo virtual.

A jovem democracia brasileira precisa ser protegida, em todas as suas dimensões. Assim, resta também esperar que as candidaturas tenham sensatez e meçam palavras para não incentivar a violência derivada de visões políticas diferentes. Eleição é um confronto só de ideias. O objetivo final de construir um país e Estados mais prósperos e com oportunidades para todos é comum a todas as vertentes. As divergências se situam no caminho a trilhar para alcançar esse propósito. Quem decide é o eleitor.

Quanto às características do texto, pode-se dizer que esse texto traz aspectos que o identificam como uma dissertação, de gênero editorial, porque apresenta ideias e argumentos marcando a posição do jornal sobre um dos principais fatos do momento. Nesse editorial, percebe-se que o jornal tem a intenção de alertar que está chegando o momento de decidir quem serão os representantes políticos do povo; também pretende levar o leitor a refletir sobre suas escolhas, e ressalta que ainda há tempo para avaliar cada candidato e suas propostas. Esse editorial foi retirado do Jornal Zero Hora com data de 24 de setembro de 2022.

Os tópicos selecionados para análise, assim como seus comentários, estão colocados na tabela abaixo para melhor serem identificados. Esses serão os tópicos analisados em função de eles serem os responsáveis principais pela organização do sentido do texto.

**Quadro 4 – tópicos/comentários**

	TÓPICOS	COMENTÁRIOS
1	A reta final do primeiro turno	[...] Chega a hora de o eleitor, na reta final, aprofundar a reflexão sobre o voto que registrará para presidente da República, governador, senador e deputado federal e estadual. É o momento para consolidar a opinião, reconsiderá-la ou buscar as informações necessárias para um sufrágio consciente.
2	Escolha definitiva	Para todos os cargos, é imprescindível conhecer o histórico, propostas e causas defendidas. Traçar paralelos com os

		concorrentes, da mesma forma, ajuda em uma escolha mais lúcida e com menor margem de erro, a partir da linha de pensamento e demandas do próprio eleitor.
3	A melhor das expectativas	A população deve ser convencida a partir de plataformas robustas e factíveis. Muito mais do que promessas mirabolantes, à sociedade e ao leitor interessa saber tergiversação, como os planos serão executados e de onde sairão os recursos.
4	Últimos debates: campanha eleitoral	Expor contradições, cobrar posturas do passado e mostrar fragilidade de propostas fazem parte do jogo da democracia. São saudáveis e ajudam o eleitor. Os últimos debates servirão a este propósito.
5	A jovem democracia brasileira	Assim, resta também esperar que as candidaturas tenham sensatez e meçam palavras para não incentivar a violência derivada de visões políticas diferentes.

Fonte: elaborado pelo autor.

O primeiro tópico que aparece no editorial, que também é o título, traz em si o assunto principal tratado no texto: “A reta final do primeiro turno”. Lendo essa frase,

percebe-se que se está chegando ao momento decisivo das eleições. O comentário que surge em seguida: “[...] chega a hora de o eleitor, na reta final, aprofundar a reflexão sobre o voto que registrará para presidente da República, governador, senador e deputado federal e estadual. É o momento para consolidar a opinião, reconsiderá-la ou buscar as informações necessárias para um sufrágio consciente”. Nesse comentário, é reiterado o que é expresso no tópico: chega-se ao fim do período eleitoral, e agora o momento é de fazer uma escolha, mas consciente, pautada naquilo que seja bom para os brasileiros, por isso, deve-se buscar avaliar cada candidato de forma minuciosa.

O segundo tópico, “escolha definitiva”, vem mostrando que a decisão feita não será alterada, influenciando em todos os setores, por isso, o comentário vem trazendo a seguinte ideia: “Para todos os cargos, é imprescindível conhecer o histórico, propostas e causas defendidas. Traçar paralelos com os concorrentes, da mesma forma, ajuda em uma escolha mais lúcida e com menor margem de erro, a partir da linha de pensamento e demandas do próprio eleitor”. Isso revela que o eleitor deve analisar, avaliar bem cada candidato para fazer uma escolha acertada, aquela que seja melhor para todos. Para isso, deve-se buscar informações a respeito dos candidatos para que se conheça o histórico e as ideias defendidas por cada um. O escritor quer levar o eleitor a refletir sobre suas decisões.

O terceiro tópico fala sobre “a melhor das expectativas”, e traz a ideia de que o eleitor espera boas propostas dos candidatos nos últimos dias anteriores à votação. Entretanto, logo em seguida, surge o seguinte comentário: “A população deve ser convencida a partir de plataformas robustas e factíveis. Muito mais do que promessas mirabolantes, à sociedade e ao leitor interessa saber tergiversação, como os planos serão executados e de onde sairão os recursos”. Por meio desse comentário, percebe-se que os eleitores não esperam apenas propostas que sejam bonitas, mas que sejam reais, coisas que sejam possíveis de serem realizadas, de acordo com o recurso disponível – que deixem claro o que e como será executado.

O quarto tópico, “Últimos debates: campanha eleitoral” traz a questão sobre os debates entre os candidatos que estão na disputa, que é algo que faz parte da campanha. A respeito desse tópico, é apresentado o seguinte comentário: “Expor contradições, cobrar posturas do passado e mostrar fragilidade de propostas fazem parte do jogo da democracia. São saudáveis e ajudam o eleitor. Os últimos debates servirão a este propósito”. Com esse comentário, é apresentado o propósito dos

debates: questionar os candidatos, analisar suas ideias e propostas, permitindo uma comparação entre um e outro. O debate consiste nisso, colocar os candidatos frente a frente, em que as únicas armas válidas são os argumentos.

Por fim, o quinto tópico, “A jovem democracia brasileira”, trata do assunto de que a livre escolha de governantes pelos brasileiros é recente e necessita ser respeitada. O comentário “Assim, resta também esperar que as candidaturas tenham sensatez e meçam palavras para não incentivar a violência derivada de visões políticas diferentes” corrobora o tópico, apresentando a ideia de que se deve evitar certas palavras ou atitudes que causem mais divisões pelos pensamentos divergentes e, conseqüentemente, violência, desrespeitando a democracia.

Nesse editorial, também é possível notar a presença de alguns critérios de textualidade que foram citados anteriormente, como, por exemplo, no 1º parágrafo, onde se percebe a intencionalidade, citada por Marcuschi (2008, p. 127) que afirma que “um ato de fala, um enunciado, um texto são produzidos com um objetivo, uma finalidade que deve ser captada pelo leitor”, e, no início do editorial o autor já revela que pretende levar o leitor a uma reflexão sobre seu voto. Espera-se que o eleitor avalie os candidatos e suas respectivas propostas, instigando o leitor a refletir se as escolhas realizadas são as melhores.

Encontra-se também no texto, no 2º parágrafo, o critério de informatividade, pois se nota que ali é apresentada a ideia de que há possibilidade de um segundo turno para cargos no executivo, até porque pesquisas sobre intenções de votos foram feitas durante o período eleitoral, então, já havia uma noção de como seriam os resultados. E Koch (2004) fala que deve haver a informação velha e nova, pois um texto que possua apenas informações já conhecidas não se torna interessante e nem transmite nada além do que já se sabe.

No editorial, há a presença, também, do critério de situacionalidade, porque o texto apresenta a situação à qual se refere, que, nesse caso, são as eleições de 2022. Marcuschi (2008) reitera que este critério atua relacionando o texto ao ambiente, à situação em que ele acontece. E, na época em que esse texto foi publicado, ele foi bem compreendido, pois tratava de um assunto totalmente do seu tempo, estava adequado à situação.

No texto, tem-se alguns trechos argumentativos, como, por exemplo, no comentário 2: “Para todos os cargos, é imprescindível conhecer o histórico, propostas e causas defendidas. Traçar paralelos com os concorrentes, da mesma forma, ajuda

em uma escolha mais lúcida e com menor margem de erro, a partir da linha de pensamento e demandas do próprio eleitor”. Tem-se um comentário com teor argumentativo, pois ele traz a ideia de que é importante o eleitor conhecer os candidatos e compará-los para escolher aquele que seja mais coerente com o que diz, levando em consideração também o seu passado. Dessa forma, tenta-se levar o leitor a refletir sobre o assunto, sobre suas escolhas. Aqui, o editor defende um ponto de vista, a reflexão sobre o voto, que é a forma mais adequada para chegar à decisão.

Observa-se que o sentido do texto foi construído através dos tópicos, comentários, elementos argumentativos e de textualidade, que, juntos, colaboraram para mostrar que o autor pretende, com esse editorial, provocar uma reflexão no leitor. Esse editorial foi redigido uma semana antes das votações do primeiro turno, provavelmente todos estavam ansiosos e apreensivos pelo resultado, alguns poucos ainda estavam com dúvida em quem votar e, talvez, houve uma pressão para a escolha, mas o editorial afirma que ainda há tempo para analisar cada candidato e fazer boas escolhas. O título do editorial é bem interessante, pois é uma afirmação de que haverá o 2º turno; o título poderia ser “a reta final das eleições”, mas quando se refere ao primeiro turno, sugere que haverá o segundo. Chama a atenção também para o fato de que muitos ficam com toda a atenção voltada para a disputa de governador e presidente, e se esquecem de que os legisladores também são importantes, pois são responsáveis por elaborar leis e, por isso, os eleitores devem ser mais criteriosos na seleção de seus candidatos, já que não se prevê um segundo turno entre deputados e senadores.

O editor pretende levar o leitor a refletir sobre suas escolhas e ser mais crítico, observando propostas, como serão desenvolvidas, e os recursos utilizados, mostrando que os candidatos devem ser questionados, até porque esses questionamentos fazem parte da disputa, mas sem ataques pessoais e uso de mentiras na internet. Nas eleições de 2022, falou-se muito sobre *fake news*; nesse editorial, provavelmente é feita uma crítica a alguns candidatos que usaram a internet para se sobressair sobre os outros, dessa forma, o que se espera é que não ocorra nenhum tipo de violência derivada das visões políticas diferentes.

Todos esses itens trabalhados na análise, sejam eles de tópico e comentário, de textualidade e/ou de elementos argumentativos, devem ser destacados como elementos fundamentais para a construção da textualidade do texto e, principalmente, do sentido arquitetado no texto. Lembramos que o sentido do texto depende desses

elementos para ser construído e que a análise de um texto pode variar dependendo do tipo de texto e/ou do gênero. O texto do editorial tem como propósito influenciar a opinião pública, promover discussões e alertar os leitores sobre determinadas questões. Eles podem ser usados para defender uma posição específica, apoiar ou criticar políticas governamentais, propor soluções para problemas sociais, destacar assuntos importantes ou chamar a atenção para acontecimentos relevantes. Em situação escolar, o trabalho com o editorial pode auxiliar na prática da leitura crítica e na análise de textos, o que poderá aprimorar as habilidades de compreensão dos estudantes.

Construir o sentido de um texto é o processo pelo qual os leitores interpretam, compreendem e atribuem sentido ao conteúdo escrito. É um processo complexo que envolve a interação entre o texto em si, as experiências e conhecimentos prévios do leitor, e o contexto em que o texto é lido. Ao ler um texto, para analisar o seu sentido, precisamos utilizar uma série de estratégias cognitivas para decodificar as palavras, identificar as estruturas gramaticais e inferir o significado das frases e parágrafos. Além disso, precisamos relacionar o conteúdo do texto ao conhecimento prévio e compartilhado sobre o assunto, fazendo conexões e interpretando o texto à luz de experiências e valores já construídos. Os leitores desse editorial devem ter realizado todo esse processo para construir o sentido do texto, especialmente porque estavam vivenciando toda a situação na prática durante as eleições de 2022.

#### **4.5.2 Análise 2**

Figura 6 – Editorial 2

# Disputa renhida

Lula e Bolsonaro partem para o vale-tudo no segundo turno, em vez de debater propostas

As primeiras pesquisas realizadas após o primeiro turno da eleição presidencial apontam um acirramento da disputa travada por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL), que voltarão a se enfrentar nas urnas no dia 30.

Segundo o Datafolha, o ex-presidente chegou ao fim da última semana com 49% das intenções de voto e o atual mandatário atingiu 44%. Outros 6% disseram que votarão em branco ou nulo, e 2% se declararam indecisos.

Considerados apenas os votos válidos, Lula teria 53% e Bolsonaro estaria com 47%. Os números indicam que ambos ganharam votos desde o primeiro turno, mas a vantagem que o líder petista ostentava na etapa inicial da corrida ao Palácio do Planalto encolheu.

Nas três semanas que restam até a decisão, estará em disputa um contingente reduzido do eleitorado. Somados os que cogitam rever a primeira opção e os que ainda não se definiram por nenhum dos dois candidatos, o grupo representa menos de 10% do total de votos.

Considerando a margem estreita que separa os dois adversários e a evidência de que muitos votantes deixam a decisão para última hora, muito pode acontecer. Segundo o Datafolha, no primeiro turno 10% fizeram sua escolha na véspera ou no dia da votação.

Entre os eleitores que preferiram os outros dois postulantes que se sobressaíram no primeiro turno, Simone Tebet (MDB) e Ciro Go-

mes (PDT), muitos estão indecisos. Somente um terço declara voto em Lula, a despeito dos apoios que ele recebeu de ambos.

Os levantamentos mostram que o líder petista mantém grande vantagem entre as mulheres e os eleitores de baixa renda e no Nordeste, a região que mais contribuiu para sustentar sua candidatura até aqui.

Bolsonaro, por sua vez, viu a avaliação de seu governo melhorar e conseguiu equilibrar o jogo no Sudeste. Os dois adversários se encontram empatados na região mais populosa do país, indica o Datafolha.

Ambos continuam enfrentando taxas de rejeição elevadas, o que contribui para estreitar ainda mais suas possibilidades de avanço no segundo turno. Segundo o instituto, 51% dizem que não votariam de jeito nenhum em Bolsonaro, e 46% repudiam Lula.

Lamentavelmente, os dois partiram para o vale-tudo na última semana, na tentativa de desgastar ainda mais a imagem do adversário com vídeos antigos e ataques pessoais. Bolsonaro voltou a fustigar o Supremo Tribunal Federal, num esforço para mobilizar os seguidores mais radicais.

Trunfos pessoais e defeitos dos candidatos são bastante conhecidos do eleitorado, mas sabe-se quase nada sobre seus planos para enfrentar os desafios à espera do próximo governo. Os debates do segundo turno oferecerão mais uma chance para que deem ao eleitor as respostas que ele merece.

Quanto às características do texto, pode-se dizer que esse texto traz aspectos que o identificam como uma dissertação de gênero editorial porque apresenta argumentos, críticas e marca a posição do jornal sobre um dos principais fatos do momento. Nesse editorial, fica claro ao público que o jornal tem a intenção de mostrar que agora, no segundo turno, os candidatos Lula (PT) e Bolsonaro (PL) estão numa disputa acirrada pela presidência e que, ao invés de apresentarem propostas para convencer o eleitor, estão atacando um ao outro. Data do editorial: 10/10/2022 - Folha de São Paulo.

Os tópicos selecionados para análise, assim como seus comentários, estão colocados na tabela abaixo para melhor serem identificados. Esses serão os tópicos analisados em função de eles serem os responsáveis principais pela organização do sentido do texto.

**Quadro 5 – tópicos/comentários**

	TÓPICOS	COMENTÁRIOS
1	Disputa renhida	Lula e Bolsonaro partem para o vale-tudo no segundo turno, em vez de debater propostas.
2	O ex-presidente	Chegou ao fim da última semana com 49% das intenções de voto
3	O atual mandatário	Atingiu 44%
4	O líder petista	A vantagem que ostentava na etapa inicial da corrida ao Palácio do Planalto encolheu.

5	Segundo o Datafolha	10% fizeram sua escolha na véspera ou no dia da votação.
6	O líder petista	Mantém grande vantagem entre as mulheres e os eleitores de baixa renda e no Nordeste, a região que mais contribuiu para sustentar sua candidatura até aqui.
7	Bolsonaro	Viu a avaliação de seu governo melhorar e conseguiu equilibrar o jogo no Sudeste.
8	Os debates do segundo turno	Oferecerão mais uma chance para que deem ao eleitor as respostas que ele merece.

Fonte: elaborado pelo autor.

O primeiro tópico “disputa renhida”, que também é o título do editorial, traz a ideia de um confronto violento e desesperado. Em seguida, seu comentário “Lula e Bolsonaro partem para o vale-tudo no segundo turno, em vez de debater propostas” apresenta quem representa os dois lados nessa disputa acirrada no segundo turno, e que todas as armas estão sendo válidas para destruir a imagem um do outro, mas que o que mais interessa ao eleitor, que são as propostas, pouco foram debatidas.

O segundo tópico, “o ex-presidente”, refere-se àquele que já esteve nesse cargo, mas que não era o atual presidente no período eleitoral de 2022, Luiz Inácio Lula da Silva. O comentário que surge em seguida, “chegou ao fim da última semana com 49% das intenções de voto”, mostra que, de acordo com as pesquisas, ele estava com uma boa porcentagem de votos, demonstrando preferência da maioria do eleitorado e vantagem em relação ao então presidente.

O terceiro tópico, “o atual mandatário”, que se refere ao presidente da época, Jair Messias Bolsonaro, traz o comentário “atingiu 44%”, mostrando, com essa porcentagem, uma certa rejeição por parte da população, pois a maioria não estava apoiando a reeleição do presidente (ou seja, não aprovaram seu governo), além de expressar uma desvantagem em relação ao ex-presidente Lula.

O quarto tópico, “o líder petista”, que se refere a Lula, apresenta o comentário “a vantagem que ostentava na etapa inicial da corrida ao Palácio do Planalto encolheu”. Mas o que aconteceu que fez com que essa porcentagem diminuísse? Será a forma como estava sendo conduzida a campanha? Ou por causa de algumas histórias passadas, vídeos antigos, entre outros? Esse comentário mostrou que, apesar de ainda estar em vantagem na disputa, por alguma razão, seu número de eleitores diminuiu.

O quinto tópico é “segundo o Datafolha”, referente ao instituto que realiza pesquisas de opinião pública, como, por exemplo, a intenção de votos no período eleitoral. Seu comentário, “10% fizeram sua escolha na véspera ou no dia da votação”, mostra que alguns brasileiros deixam importantes decisões para a última hora, e que esse pode ser o possível motivo de tanto desespero nessa disputa, pois se, no segundo turno, houvesse essa taxa de 10% de indecisos ou mais, poderia ocorrer uma mudança na direção que a pesquisa mostra para o possível resultado final.

Aqui ainda temos o discurso de autoridade, pois o Datafolha é um instituto de pesquisas do Grupo Folha, conjunto de empresas coligadas do qual o jornal *Folha de S.Paulo* faz parte. O discurso de autoridade é um tipo de argumentação ou retórica em que uma pessoa ou órgão (empresa) utiliza sua posição ou conhecimento em um determinado campo como base para persuadir ou influenciar outras pessoas. Nesse tipo de discurso, a credibilidade é usada como uma forma de convencer os outros de que suas opiniões, ideias ou informações são mais válidas ou confiáveis do que as de outras pessoas. Nesse texto, percebe-se que a expressão “segundo o Datafolha” traz essa autoridade em validar as informações trazidas ao texto para construir o seu sentido. Destaca-se que o apelo à autoridade é um dos vários tipos de argumentos usados em textos e pode ser eficaz para a construção de seu sentido. No entanto, é importante ressaltar que o simples apelo à autoridade não é suficiente para garantir a validade ou a veracidade de um argumento. É essencial avaliar os fatos e evidências apresentados, além da reputação do especialista, para determinar se a argumentação é sólida e confiável. E, isso pode ser feito pelos diversos fatores de textualidade

estudados nesta pesquisa, como foi visto em outros exemplos, variados recursos linguísticos são empregados na arquitetura do texto.

O sexto tópico, “o líder petista”, refere-se a Lula e seu comentário “mantém grande vantagem entre as mulheres e os eleitores de baixa renda e no Nordeste, a região que mais contribuiu para sustentar sua candidatura até aqui”. Esse tópico mostra quais os grupos que permitiram ao ex-presidente chegar a disputar o segundo turno com Bolsonaro e chama a atenção, especialmente, para a região Nordeste como aquela sobre a qual repousa a responsabilidade de ele ter chegado até o segundo turno.

O sétimo tópico do editorial, “Bolsonaro”, que se refere ao presidente da época, revela, através do comentário “viu a avaliação de seu governo melhorar e conseguiu equilibrar o jogo no Sudeste”, que Bolsonaro não era bem-visto pela população daquela região, mas também que conseguiu melhorar sua imagem e equiparar a disputa na região Sudeste do país.

O oitavo tópico, “os debates do segundo turno”, citam especificamente os debates que foram realizados durante o segundo turno. Por sua vez, o comentário “oferecerão mais uma chance para que deem ao eleitor as respostas que ele merece” mostra que já houve outras oportunidades para que o eleitor tivesse as respostas de que necessitava, mas que não as obteve. Agora, esses debates ajudarão o eleitor a tirar dúvidas em relação aos candidatos e avaliar melhor suas decisões.

No editorial, é possível notar a presença de alguns critérios de textualidade que foram citados anteriormente, como, por exemplo, no 2º e 3º parágrafos, onde aparece o critério de informatividade, pois são apresentados dados que foram coletados e analisados pelo Datafolha a respeito das intenções de voto. São apresentados dados de que provavelmente a população não teria conhecimento caso a pesquisa não tivesse sido feita, ou seja, apresenta algo novo.

Nota-se também o critério de intertextualidade nos parágrafos 2º, 3º e 4º, mas não somente nesses parágrafos, pois, durante todo o texto, vê-se informações relacionadas à pesquisa realizada pelo Datafolha. Neste sentido, Marcuschi (2008, p. 129) afirma que a intertextualidade diz respeito “as relações entre um dado texto e os outros textos relevantes encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação”. E, isso é observado quando o escritor traz um outro texto para dentro do texto que está escrevendo, estabelecendo uma relação entre os textos para afirmar que há uma disputa acirrada e que, por isso, os candidatos estão desesperados.

Utiliza-se esse critério também para trazer mais credibilidade ao que expõe no texto, confirmando suas ideias.

No último parágrafo, é apresentado o critério da intencionalidade, pois ali o escritor afirma que os lados negativo e positivo dos candidatos já são conhecidos, sendo desnecessário ficar discutindo atitudes e a falta delas no passado, interessando somente as atitudes previstas para o futuro em caso de vitória; o autor afirma que pouco se sabe sobre os planos de governo para enfrentar as dificuldades. Aqui reside a intenção: mostrar que os debates do segundo turno poderão fornecer ao eleitor informações de que ele precisa caso os candidatos estejam dispostos a expor propostas.

A coesão está bem presente no texto, Koch (2004, p. 35) afirma que coesão é “[...] a forma como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também lingüísticos, de modo a formar um ‘tecido’ (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase [...]”, daí a importância de tal critério, porque permite o entendimento e a ligação das frases, e isso contribui para uma compreensão satisfatória dos leitores/ouvintes. E, percebe-se isso no editorial, pois logo no início, tem-se o exemplo “Lula e Bolsonaro partem para o vale-tudo no segundo turno, em vez de debater propostas”, em que é usada a locução prepositiva “em vez de” para ligar as orações e para expressar a ideia de substituição de alguma coisa, tudo isso colabora para que o texto esteja “unido”.

A coerência também aparece no texto, pois se manteve a lógica da afirmação apresentada no início. Há harmonia entre as ideias e relação de sentido entre as partes do texto, já que o autor iniciou o texto falando que os dois candidatos estavam numa briga de vale-tudo, mas não discutiam propostas, e, ao final do editorial, no último parágrafo, ele continua nessa mesma perspectiva ao afirmar: “trunfos pessoais e defeitos dos candidatos são bastante conhecidos do eleitorado, mas sabe-se quase nada sobre seus planos para enfrentar os desafios à espera do próximo governo”.

No editorial, também se tem presente a argumentação, que Koch e Elias (2016) a denominam como uma tentativa de influenciar a pessoa com quem se fala, por meio de argumentos bem elaborados. Como, por exemplo, no último parágrafo, em que o autor fala a respeito dos últimos debates do segundo turno e cita o seguinte comentário: “oferecerão mais uma chance para que deem ao eleitor as respostas que ele merece”. Aqui, ele apresenta sua opinião (aliás, a opinião do jornal a respeito dessa disputa no segundo turno) e argumenta que as pessoas aguardam respostas,

principalmente propostas mais concretas nas quais possam embasar seu voto. O autor argumenta que falta isso nesse segundo turno, a clareza quanto às propostas, também tenta levar o leitor a reflexão.

Desse modo, percebe-se que o propósito desse editorial é mostrar que agora, no segundo turno, os candidatos Lula e Bolsonaro estão numa disputa acirrada pela presidência e que, ao invés de apresentarem propostas para convencer o eleitor, estão atacando um ao outro. Essa opinião é expressa pelo jornal, pois, no segundo turno, durante debates, os dois candidatos começaram a trazer à mente dos eleitores situações passadas, como a prisão de Lula e os motivos pelos quais ele foi preso, pandemia de covid-19, vacinas e óbitos. O petista e o mandatário passaram a travar uma guerra sem igual, trazendo para os debates questões passadas na tentativa de destruir a imagem um do outro, e isso acabou de certa forma, contagiando o eleitorado que, especialmente nas redes sociais, passaram a compartilhar essas questões passadas de cada um dos candidatos. Por isso, é importante lembrar aqui o critério da situacionalidade, pois o editor foi levado a redigir o editorial exatamente por causa disto: a situação dos candidatos no segundo turno.

O penúltimo parágrafo expressa bem a ideia central do editorial ao afirmar que os candidatos partiram para o “vale-tudo” a poucos dias da votação, mas como assim vale tudo? Vale *fake news*, vale distorcer os fatos na tentativa de destruir a imagem do adversário, e para isso usaram vídeos antigos e ataques pessoais. Nunca se falou tanto em *fake news* quanto nas eleições de 2022; as mentiras foram propagadas não somente pelos candidatos, como também por alguns seguidores mais radicais, de modo que se tornou complicado para alguns eleitores distinguir o que era verdade e mentira. Conseqüentemente, tudo isso influenciou alguns que, por falta de acesso a informações e tecnologia, não puderam buscar a veracidade das notícias. Lula e Bolsonaro usaram todas as artimanhas possíveis para aumentar o número de votos: o candidato à reeleição até criticou o STF com objetivo de descredibilizá-lo, mobilizar os eleitores mais radicais e, talvez, conseguir outros.

A expressão “vale tudo” também aparece no comentário referente ao primeiro tópico. Provavelmente o escritor estava querendo enfatizar isso; essa expressão colaborou para a construção do sentido do texto, explicando o tópico “disputa renhida” e mostrando que, para chegar à presidência, estava valendo fazer qualquer coisa, até mesmo aquilo que estivesse fora do que é considerado correto, e revelou que os

candidatos já haviam chegado nesse nível. Nesse editorial, o autor faz uma crítica aos candidatos e, também, chama-os à ação de mostrar suas propostas

### 4.5.3 Análise 3

Figura 7 – Editorial 3

**EDITORIAIS**  
editoriais@grupofolha.com.br

## *Na mesma*

### Datafolha mostra quadro de estabilidade e poucos votos sem dono na corrida presidencial

Ao fim da segunda semana de campanha do segundo turno, não há mudança nas intenções de voto para presidente da República, segundo a pesquisa Datafolha. Pela proporção de votos válidos, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) permanece com os 53% da semana passada; Jair Bolsonaro (PL), com 47%.

Consideradas as parcelas do total de votos, Lula tem 49%, Bolsonaro 44%, indecisos são 2% e os ora dispostos a votar branco ou nulo são 5%. Cerca de 6% dizem que ainda podem mudar o voto.

A aprovação ao governo, que nunca foi majoritária, encontra-se em patamar de pico — possivelmente refletindo a conjuntura de respiro da inflação e do desemprego.

Consideram a gestão boa ou ótima 38% dos brasileiros aptos a votar, enquanto quase idênticos 39% a tacham de ruim ou péssima. Recorde-se que, em dezembro do ano passado, a reprovação era de 53%.

No momento, o que se pode dizer é que se trata de um quadro de estabilidade com poucos votos sem dono. A algarra da campanha, de baixaza rara, não parece ter alterado as propensões do eleitor.

Nesse contexto, a taxa de rejeição dos finalistas entre os votantes em geral e entre os que escolheram outros candidatos no primeiro turno dá indício mais relevante de como podem surgir mudanças.

A rejeição ao nome do presidente candidato à reeleição continua majoritária, a julgar pela declaração dos entrevistados, em 51%; a do ex-presidente petista, em 46%. A recusa a Bolsonaro, constata-se, é maior entre aqueles que declaram ter votado em Simone Tebet (MDB) e Ciro Gomes (PDT).

De mais notável é a opinião do eleitor sobre o que seria de sua vida no caso da eleição de Lula ou de Bolsonaro — os resultados são mais díspares do que aqueles das intenções de voto. Em caso de vitória do petista, a vida “ficaria melhor” para 41% dos eleitores. Na hipótese de reeleição do presidente, para apenas 27% dos entrevistados.

Dadas as margens de erro, as inconstâncias da taxa de absenteísmo eleitoral e as duas semanas para a decisão, pode-se dizer apenas que ainda se trata de uma eleição que pode ter um resultado por margem muito estreita.

Considerada a rejeição persistente e majoritária ao nome do presidente da República, as pesquisas neste momento indicam um ligeiro favoritismo de Lula. Mas nada que permita prognósticos seguros.

Ainda virão os debates, com seus riscos de passo em falso. Além do mais, o país viverá também uma quinzena quase inteira de tentativas de degradação da imagem do adversário, de mentiras e propaganda de guerra virtual, com novidades que dificultam o policiamento dos malfeitos, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral.

Quanto às características do texto, pode-se dizer que traz aspectos que o identificam como uma dissertação de gênero editorial, porque apresenta argumentos e críticas, marcando a posição do jornal sobre um dos principais fatos do momento. Nesse editorial, é perceptível que o jornal tem a intenção de mostrar o panorama político antes das eleições, com as intenções de votos, mostrando que há uma estabilidade e poucos votos brancos ou nulos. Data do editorial: 16/10/2022 - Folha de São Paulo.

Os tópicos selecionados para análise, assim como seus comentários, estão colocados no quadro para melhor serem identificados. Esses serão os tópicos analisados em função de eles serem os responsáveis principais pela organização do sentido do texto.

**Quadro 6 – tópicos/comentários**

	TÓPICOS	COMENTÁRIOS
1	Pesquisa Datafolha	Não há mudanças nas intenções de voto para presidente da República.
2	A aprovação ao governo	Que nunca foi majoritária, encontra-se em patamar de pico - possivelmente refletindo a conjuntura de respiro da inflação e do desemprego.
3	Quadro de estabilidade	Com poucos votos sem dono.
4	Algazarra de campanha	Não parece ter alterado as propensões do eleitor.

5	Taxa de rejeição	A rejeição ao nome do presidente candidato à reeleição continua majoritária, a julgar pela declaração dos entrevistados, em 51%; a do ex-presidente petista, em 46%.
6	Rejeição persistente e majoritária a Bolsonaro	As pesquisas neste momento indicam um ligeiro favoritismo de Lula. Mas nada que permita prognósticos seguros.

Fonte: elaborado pelo autor

O primeiro tópico, “pesquisa Datafolha”, mostra o que será falado a respeito de uma pesquisa realizada pelo instituto Datafolha; tal tópico possui o seguinte comentário: “não há mudanças nas intenções de voto para presidente da República”, mostrando que, para o segundo turno, a maioria dos eleitores não pretende mudar o voto para presidente, indicando o que já se sabe, de acordo com as pesquisas: que Lula estava em vantagem em relação à Bolsonaro.

Contudo, o segundo tópico, “a aprovação ao governo”, mostra que a pesquisa também evidenciou que o então presidente Bolsonaro teve um aumento na aprovação do seu governo, provavelmente por conta do que diz o comentário “possivelmente refletindo a conjuntura de respiro da inflação e do desemprego”. Com a redução do índice de inflação e desemprego, muitos eleitores passaram a ver o mandatário de forma positiva, o que acabou sendo favorável para a aceitação do governo.

O terceiro tópico, “quadro de estabilidade”, indica que a situação era estável e tranquila. O comentário “com poucos votos sem dono” traz a ideia de que são poucos os eleitores que ainda estão indecisos sobre seu voto, indicando também que a maioria já tem seus candidatos e que já se pode vislumbrar o possível vencedor, de acordo com as pesquisas.

O quarto tópico traz a expressão “algazarra de campanha”; a palavra “algazarra” significa confusão, barulho proferido por muitas vozes ou desordem, então, a expressão significa confusão na campanha, muitas pessoas falando ao mesmo

tempo, provavelmente se referindo ao fato de que várias *fake news* que foram disseminadas, de que ações ou palavras foram implementadas para manchar a imagem do oponente, abordando todo o transtorno que essas situações causaram. Em seguida, contudo, surge o comentário “Não parece ter alterado as propensões do eleitor”, ou seja, apesar de todas as tentativas de destruir a imagem do adversário, isso não interferiu nas escolhas do eleitor.

O quinto tópico, “taxa de rejeição”, trata sobre a porcentagem de eleitores que não possuem afinidade com os dois candidatos à presidência. Já o comentário “a rejeição ao nome do presidente candidato à reeleição continua majoritária, a julgar pela declaração dos entrevistados, em 51%; a do ex-presidente petista, em 46%” demonstra que a rejeição por parte da população ao nome de Bolsonaro é bem maior em relação a Lula, o que demonstra que o presidente não conseguiu cativar e convencer a maioria do eleitorado.

O sexto tópico, “rejeição persistente e majoritária ao nome do presidente da República”, confirma o tópico anterior: que a maior parte da população não aceita Bolsonaro como presidente reeleito. Logo em seguida é apresentada a explicação no comentário “as pesquisas neste momento indicam um ligeiro favoritismo de Lula. Mas nada que permita prognósticos seguros”, ou seja, a maior parte dos eleitores prefere o petista, mas nada que até então possa confirmar a vitória ou derrota de um ou outro candidato.

Já no primeiro parágrafo, mas não somente nele, percebe-se a presença do critério de informatividade, pois o texto traz informações novas através de uma pesquisa realizada pelo Datafolha que indica qual candidato está em vantagem para o cargo de presidente. Pelo fato de se trazer dados de uma pesquisa para dentro do texto, também se nota a presença do critério de intertextualidade, pois no momento em que redige o texto, o autor traz outro texto para dentro daquele que está criando com a finalidade de afirmar suas ideias. Neste sentido que Marcuschi (2008, p. 132) assevera que a intertextualidade “[...] trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado”, é isso que ocorre neste editorial, há uma conversa entre textos. No quinto parágrafo, vê-se bem expresso um exemplo de situacionalidade porque é apresentada a situação em que se encontrava a questão eleitoral naquele momento. Marcuschi (2008, p. 129) também afirma que “este princípio diz respeito aos fatores que tornam um texto relevante numa dada situação [...]”, este editorial foi

importante na época em que foi publicado, pois tratava de um assunto polêmico e muito discutido.

No oitavo parágrafo, mas não somente nesse e sim ao longo de todo o texto, nota-se a presença da coesão textual. No uso das palavras “petista” e “presidente” para não repetir os nomes “Lula” e “Bolsonaro”, tem-se a coesão referencial, pois se faz referência a algo que foi dito anteriormente. É utilizada a locução conjuntiva “em caso”, que indica condição, para estabelecer ligação com a oração anterior que mencionava como seria a vida do eleitor com cada candidato caso fosse eleito. Também são utilizados conectivos e expressões como “sobre” e “na hipótese” para ligar uma oração com outra, o que seriam casos de coesão sequencial.

Em se tratando de coerência, Marcuschi (2008, p. 121) reitera que “na verdade, a coerência providencia a continuidade de sentido no texto e a ligação dos próprios tópicos discursivos”, este critério apresenta que deve haver uma relação entre os enunciados, e não apenas em uma parte, mas em todo o texto. E, é possível notar sua presença durante todo o editorial, pois é seguida a mesma linha de raciocínio do início ao fim, ou seja, as ideias estão interligadas. Citando um exemplo de coerência, tem-se o décimo parágrafo, em que o autor reitera mais uma vez o que foi dito ao longo do texto: que o então presidente da época, Jair Bolsonaro, de acordo com as pesquisas, tinha uma taxa de rejeição maior do que a de Lula, e que por isso poderia ser observada uma vantagem do petista, mas nada que pudesse dar uma certeza absoluta de vitória.

Falando de argumentação, no quinto parágrafo do editorial aparece o seguinte trecho: “a algazarra da campanha, de baixeza rara, não parece ter alterado as propensões do eleitor”; esse trecho, ao que parece, funciona como uma espécie de argumento para justificar que, apesar de todas as artimanhas que tenham sido feitas para sujar a imagem de um candidato específico, isso não funcionou, pois os eleitores não mudaram seus posicionamentos. Neste sentido, Koch (1983, p. 11) afirma que “[...] toda atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamenta-se na suposição de que quem fala tem certas intenções, ao comunicar-se”, e, provavelmente a intenção neste quinto parágrafo seja mostrar que tal candidato estava sendo injustiçado, acusado injustamente, ou seja, era inocente.

Retomando o segundo tópico, “a aprovação do governo”, percebe-se que é emitida uma opinião a respeito de Bolsonaro, pois era o presidente da época; quando diz “que nunca foi majoritária”, pretende mostrar, ou fazer os leitores acreditarem que

a maioria da população não aprovava o governo Bolsonaro, talvez por ideias contrárias, ou mesmo por não concordar com algumas atitudes dele. Talvez o editor tivesse a intenção de convencer os eleitores que, como Bolsonaro nunca foi aceito pela maioria da população, de acordo com as pesquisas, e estava em desvantagem em relação a Lula, não compensava votar no mandatário, já que Lula estava na frente e provavelmente seria o vencedor. Dessa forma, algumas pessoas poderiam pensar que estavam jogando o voto fora, pois não faria diferença. Aqui, pode-se refletir sobre como o uso da linguagem, através de determinadas expressões, pode ser usada com objetivo de influenciar, de levar alguém a fazer o que se quer. Nesse texto, percebe-se que a expressão “majoritária” tem esse propósito, de influenciar o leitor a pensar que o presidente não era apoiado pela maior parte das pessoas.

Analisando o quinto parágrafo, percebe-se que o tópico “quadro de estabilidade” também é uma anáfora encapsuladora, pois retoma o que já foi dito para reforçar a opinião expressa no texto. O autor traz a ideia de que os candidatos se encontravam em um “quadro de estabilidade”, tudo estava tranquilo, a diferença na porcentagem de votos entre os candidatos não era grande, acrescentando “com poucos votos sem dono”, referindo-se aos indecisos. Porém, o termo “algazarra da campanha” traz uma ideia diversa do que foi apresentado anteriormente, pois “algazarra” significa bagunça, desordem, várias pessoas falando ao mesmo tempo e, por fim, ninguém ouve ninguém. É exatamente isso que estava ocorrendo na reta final do segundo turno: os candidatos falavam ao mesmo tempo e, naquela confusão, os eleitores acabavam por não entender nada; “um queria falar mais alto que o outro” na expectativa de se sobressair. Este termo, “algazarra”, também não é comum, não faz parte do vocabulário de um editorial com texto formal; provavelmente quem o escreveu quis chamar a atenção de quem iria ler, mostrando que as atitudes nas eleições de 2022 foram bem fora do comum. Observando o início do sexto parágrafo, “nesse contexto”, vê-se a presença do critério de situacionalidade, pois essa expressão marca de que situação se fala.

No último parágrafo, o autor fala que os debates que ainda serão realizados representam, de certa forma, um perigo para os candidatos, pois, ao citar a expressão “passo em falso”, ele está querendo dizer que, durante os debates, eles podem falar algo que, ao invés de ajudá-los, pode acabar prejudicando e fazendo com que os eleitores não tenham uma boa impressão. Dependendo do comportamento que tenham um perante o outro, podem acabar perdendo a credibilidade e,

consequentemente, votos, pois ainda há aqueles eleitores indecisos e que podem mudar de opinião. Até o dia 30 de outubro, muitas mentiras, *fake news*, tentativas de destruir a imagem do adversário ainda estariam ocorrendo, ou seja, essa quinzena poderia vir a representar um “passo em falso”.

Observando o uso de algumas expressões, como “algazarra de campanha”, “nunca foi majoritária”, “taxa de rejeição”, entre outras, vê-se como foi sendo construído o sentido do texto, pois a escolha dessas palavras, às vezes usadas com sarcasmo, pode ter causado um impacto no leitor. Os tópicos e comentários auxiliaram no desenvolvimento do texto e de seu sentido porque o escritor apresentava tópicos bem chamativos e logo apresentava comentários a respeito. Esses tópicos e comentários possibilitaram a seguinte interpretação: Bolsonaro possuía uma taxa elevada de rejeição; de acordo com as pesquisas, Lula estava na liderança, logo, quem votasse em Bolsonaro estaria jogando seu voto fora, então seria melhor votar em Lula. Isso leva a refletir que palavra é poder e quem sabe utilizá-la a seu favor tem um trunfo. Por fim, nesse editorial, o autor tem a intenção de persuadir o eleitor.

#### 4.6 DISCUSSÃO DAS ANÁLISES

Diante das análises feitas, percebe-se que o sentido do texto é construído a partir da arquitetura de diferentes elementos: características do gênero textual, fatores de textualidade, os arranjos sintático-semânticos entre tópico e comentário, os fatores pragmáticos, a seleção lexical, os argumentos de autoridade. Isso tudo colabora para a construção do sentido.

Um texto tem sentido quando é capaz de dizer algo de forma clara e compreensível ao seu leitor. Vários elementos contribuem para que um texto tenha sentido. Muitos foram trabalhados nesta pesquisa; os fatores de textualidade e pragmáticos, por exemplo, considerando que são responsáveis por garantir que um texto seja coeso, coerente, claro e adequado para a comunicação eficaz entre o autor e o leitor. Esses fatores são um conjunto de características e elementos linguísticos que tornam um texto mais compreensível e capaz de transmitir a mensagem pretendida de maneira eficiente, esses critérios são citados por Marcuschi (2008) e Koch (2004). Eles incluem:

1. **Coesão:** a coesão textual se refere à conexão entre as partes de um texto por meio de elementos como pronomes, conjunções, referências e repetições de palavras. Uma boa coesão ajuda a evitar a confusão e torna o texto mais fluido.
2. **Coerência:** a coerência diz respeito à lógica e à consistência interna do texto. Um texto coerente é aquele em que as ideias se conectam de forma natural e fluente, sem contradições ou saltos abruptos.
3. **Intertextualidade:** esse fator considera as relações entre um texto e outros textos ou contextos mais amplos. A intertextualidade pode envolver referências a obras literárias, citações, alusões e, até mesmo, ao diálogo com discursos culturais ou sociais.
4. **Informatividade:** a informatividade se refere à relevância e à quantidade de informações presentes no texto. Um texto deve conter informações que sejam pertinentes ao assunto tratado e ao público-alvo, evitando excessos ou falta de detalhes.
5. **Intencionalidade:** a intencionalidade se relaciona à clareza da mensagem que o autor deseja transmitir. O autor deve ser capaz de expressar suas ideias de maneira que os leitores compreendam.
6. **Aceitabilidade:** a aceitabilidade envolve a escolha adequada de palavras, estruturas gramaticais e estilo de escrita que se ajustem ao contexto e ao público do texto. Um texto aceitável é aquele que segue as normas linguísticas e atende às expectativas dos leitores.
7. **Situacionalidade:** a situacionalidade se refere à relação entre o texto e o contexto em que ele é produzido e lido. O contexto inclui fatores como tempo, lugar, propósito e público-alvo, e um texto eficaz leva esses aspectos em consideração.
8. **Intertextualidade:** esse fator diz respeito às conexões que um texto pode ter com outros textos, sejam eles do mesmo autor, da mesma época ou de diferentes contextos históricos e culturais. A intertextualidade enriquece a compreensão do texto ao trazer referências externas.

Desse modo, os fatores de textualidade são importantes porque permitem que um texto seja mais do que apenas um conjunto de palavras; eles possibilitam que o texto seja uma ferramenta eficaz de comunicação, capaz de transmitir informações, persuadir, emocionar e engajar os leitores de forma clara e envolvente.

A argumentação também citada ao longo dessa pesquisa é algo inerente ao ser humano, especificamente na linguagem, por meio da qual são expressos os argumentos. Quando se interage através da linguagem, sempre se tem objetivos a serem alcançados. O meio utilizado para realizar essa argumentação são os gêneros textuais; através deles são apresentados pontos de vista e ideias são atacadas ou defendidas. Nesta pesquisa, o gênero utilizado pertence à área jornalística, o editorial, e mesmo o jornal tendo o compromisso com a verdade e a busca pela objetividade e neutralidade, pode-se encontrar algumas marcas ideológicas em seus editoriais, nesta perspectiva que Koch (1983, p. 7) ressalta que “a neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da própria objetividade”. Nenhum discurso é neutro, em suas entrelinhas sempre há convicções, princípios e valores de quem fala ou escreve, isso ficou bem nítido nos editoriais, especificamente no editorial 2 que é mais taxativo.

Os editoriais não apresentam argumentação apenas em alguns parágrafos, mas durante todo o texto, nas análises foram citados alguns parágrafos argumentativos para que o leitor possa ter um exemplo. Outro recurso utilizado para chamar a atenção do leitor foram algumas expressões, como “algazarra”, “vale-tudo”, entre outras, palavras que normalmente não fazem parte de um texto mais formal.

Como citado por Silva e Cortez (2020), também é atribuído ao tópico a função de ser responsável pela manutenção da coerência textual, e isso foi observado nos editoriais aqui analisados, pois os subtópicos seguem a informação apresentada pelo tópico principal; há, portanto, uma conversa, uma relação entre eles. Silva (2021) também o classifica como responsável pela organização textual, e nos editoriais aqui observados, notou-se essa organização o que contribuiu muito para, provavelmente, alcançar o objetivo de influenciar o leitor, fazê-lo refletir e talvez mudar de opinião.

Sobre a construção dos sentidos do texto, Bentes (2017, p. 271) afirma que “[...] o(s) sentido(s) do texto não está/estão no texto em si, mas depende(m) de fatores de diversas ordens: linguísticos, cognitivos, socioculturais, interacionais”, ou seja, no texto, as palavras são importantes, entretanto, o sentido do texto não está somente na sua estrutura, mas é dependente de diversos fatores já citados, e um deles é a situação em que essa interação se deu, nos editoriais a situação apresentada são as eleições de 2022, especificamente para presidente, algo que foi vivenciado por todos os brasileiros.

Todos esses elementos organizam, arquitetam, arranjam as estruturas de tópico-comentário escolhidas pelo autor do texto para construir o seu sentido. Pôde-se observar o texto sendo formado através de tópicos, que, por sua vez, apresentam comentários que são opiniões a respeito do assunto tratado; dessa forma, constroem-se o texto e seu sentido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, havia uma visão parcial de como as estruturas de tópico-comentário auxiliam na construção do sentido do texto. Conforme foi sendo apresentada a teoria, essa visão foi sendo ampliada, ficando bem mais nítida com a análise dos editoriais. Ficou perceptível também que os critérios de textualidade auxiliam na construção do sentido do texto e na construção da textualidade. Como citado anteriormente, não existe texto/discurso neutro; percebeu-se isso nos editoriais, mesmo que de forma implícita, tanto a ideologia quanto o ponto de vista foram expressos através dos textos.

Os textos apresentaram, também, a argumentação, um fator muito relevante quando se tenta convencer ou influenciar o leitor. A argumentação é usada para convencer outros de que determinada ideia é correta, é a mais adequada. E, nos editoriais foi possível perceber a argumentação relacionada à defesa de um ponto de vista por meio de quem argumenta, através de um pensamento lógico para convencer o indivíduo que faz a leitura do texto, aquele que irá aceitar ou não os argumentos expressos. Através dos editoriais analisados, percebe-se que o autor tinha objetivos a serem alcançados, comportamentos a serem desencadeados, relações para se estabelecer, ou seja, esperava atuar sobre o outro, fazendo com que ele tivesse alguma atitude, ou mudança de atitude, em relação aos argumentos que foram apresentados.

Durante a escolha e análise da bibliografia houve uma certa dificuldade em relação ao assunto tratado na pesquisa, pois não é um tema tão discutido pelos estudiosos da língua. Há escritos que tratam a respeito do tópico/comentário, mas dada a importância do assunto, podem ainda ser considerados poucos. E, exatamente por isso, é relevante destacar que esse trabalho proporciona uma visão a mais a respeito do tópico, e sendo observado na prática.

No decorrer da pesquisa houveram diversos desafios, mas o mais difícil de lidar foi o fato da pesquisadora estar em sala de aula com a carga horária normal, pois não houve redução da carga horária por causa do mestrado, e ao mesmo tempo ser mestranda. O tempo não era favorável, pois planejar aulas, atender as demandas da escola, fazer leituras, coleta e análise de dados e todas as demais atribuições que possui uma mãe, professora e mestranda; demanda muito tempo e atenção. Mas, com alguns ajustes foi possível realizar as atividades necessárias para finalizar a pesquisa.

Retomando o objetivo geral desta pesquisa, que era compreender o comportamento do tópico discursivo na organização argumentativa do texto do gênero editorial, conclui-se que esse objetivo foi alcançado através da análise de três editoriais retirados dos jornais *Folha de S.Paulo* e *Zero Hora*. Observou-se que o tópico foi utilizado em diversos momentos como argumento para consolidar uma ideia ou opinião expressa pelo autor, provavelmente com objetivo de convencer ou influenciar o leitor. Foi firmada a ideia, também, de que os tópicos estão diretamente relacionados ao tema/assunto e, quando bem elaborados, auxiliam na organização textual do texto.

Por fim, pode-se perceber a importância das estruturas de tópico-comentário para a construção de sentidos do texto, pois elas auxiliam em todo esse processo; sem a utilização desse mecanismo, perde-se a coerência textual. Esta pesquisa procurou demonstrar que quando os tópicos são bem elaborados podem melhorar os textos. E, também pode ser um incentivo para que esse tema seja mais discutido e estudado entre os estudiosos da língua e conseqüentemente pelos alunos que realizam diversas produções textuais.

## REFERÊNCIAS

A reta final do primeiro turno. **Zero Hora**. Porto Alegre, 24 set. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/noticia/2022/09/a-reta-final-do-primeiro-turno-cl8f005e6006w016r1ssr8fw.html>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BENTES, Anna Christina. Linguística textual. *In*: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** vol. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2017, p. 245-282.

CUNHA, Antônio Sérgio Cavalcante da. Estrutura tópico-comentário, a tradição gramatical e o ensino de redação. **SOLETRAS**, ano X, nº 20, jul./dez. 2010, p. 53-63. São Gonçalo: UERJ, 2010.

DISPUTA renhida. **Folha de S.Paulo**, 10 out. 2022. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=50060&keyword=EDltoRlaL&anchor=6465067&origem=busca&originURL=&maxTouch=10&pd=52d70bd7824de4a59e1ba4e18e2a3d1a>. Acesso em: 28 fev. 2023.

ENEVAN, Édina Aparecida Silva; JOVINO, Ione da Silva. Representações de identidades sociais de gênero, raça e classe em livros didáticos de espanhol à luz da análise crítica do discurso. **Revista Uniletras**, v. 41 n. 1, 2019, p. 25-39. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/14792>. Acesso em: 23 jun. 2022.

ERICEIRA, Ricardo. **180 graus**, 07 abr. 2019. Disponível em: <https://180graus.com/santa-luzia/prefeitura-de-santa-luzia-instala-placas-de-sinalizacao-de-transito-pelas-ruas-da-cidade/> Acesso em: 03 out. 2022.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GARCIA, Aline Gomes. Estudo do processo de Organização Tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI. **Repositório institucional UNESP**, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/154381>. Acesso em: 28 nov. 2022.

JAYLSON. **7 Motivos para contratar um corretor de imóveis**. Rio de Janeiro, 25 jul. 2013. Facebook: Jaylson Imóveis. Disponível em: <https://www.facebook.com/jaylsonimoveis/photos/a.281287662010079/281305962008249/>. Acesso em: 21 set. 2022.

JUNIOR, João. **Recanto das Letras**, 20 set. 2008. Variedades de gêneros textuais. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesiasdealegria/1188223>. Acesso em: 20 set. 2022.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguística textual: Retrospecto e perspectivas. **Alfa**, São Paulo, 41, p. 67-78, 1997.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística Textual: uma entrevista com Ingedore Villaça Koch*. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. v. 1, n. 1, 2003a. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/feae2f57341478af7ec218b4fc44d8e8.pdf>. Acesso em: 22/06/2022.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003b

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCENA, Lucio. **Saco e maca**, 02 jun. 2009. Disponível em: <https://sacoemaca.blogspot.com/2009/06/alfisina-mecanica-leve-o-seu-carro-la.html> Acesso em: 23 set. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NA mesma. **Folha de S.Paulo**, 16 out. 2022. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=50066&keyword=EDltoRlaL&anchor=6465459&origem=busca&originURL=&maxTouch=10&pd=9c6e50aceebdb69b21f69b4de3971704>. Acesso em: 28 fev. 2023.

OLIVEIRA, Jairo Venício Carvalhais; TIMO, Tércia Rodrigues. Os processos de organização retórica e a distribuição de informações em artigos de divulgação científica. **Anais do SILEL**. v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, p. 01-20, 2013.

PINHEIRO, Lopes Clemilton. Organização tópica do texto e ensino de leitura. **Linguagem & Ensino**, v. 8, nº 1, p. 149-160, 2005.

PONTES, Eunice. **Sujeito e tópico do discurso**. D.E.L.T.A., Vol. 1, n. 1 e 2, p. 51-78, 1985.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Simone Marina da. **O poder da argumentação: análise de editoriais dos jornais Folha de S. Paulo e Estadão**. 2013. Monografia de Especialização (Especialização em Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Raul Guilherme Cândido da. **Tópico discursivo e construção do ponto de vista: o trabalho com a produção textual no contexto do Enem**. Attena, Recife, 2021.

SILVA, Raul Guilherme Candido da; CORTEZ, Suzana Leite. Tópico discursivo e construção do ponto de vista na tessitura argumentativa de redações de vestibulandos. **Revista Virtual Lingu@ Nostr@**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 43-62, 2020. Disponível em: <https://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/192>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SILVA, Raul Guilherme Candido da; OLIVEIRA, Fabiana Pincho de. Escrita e ensino: planejando o tópico discursivo no gênero redação do ENEM. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 1, 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Relevo e desenvolvimento de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 48, n. 1, p. 53-70, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637255>. Acesso em: 24 jun. 2022.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Tópico, comento, foco y sus funciones en el discurso. *In*: VAN DIJK, Teun Adrianus **Texto y contexto**. Madrid: Cátedra, p. 178-194, 1980.

VAN DIJK, Teun Adrianus; MEDEIROS, Breno Wilson Leite; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. Análise crítica do discurso multidisciplinar: um apelo em favor da diversidade. **Linha D'Água**, v. 26, n. 2, p. 351-381, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v26i2p351-381>. Acesso em: 8 set. 2023.